



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO EM GEOGRAFIA**

CLARA SUZANE SILVA GOMES

**A SÓCIOESPACIALIDADE DO TRABALHO DOS AGENTES
DA LIMPEZA PÚBLICA DE ARACAJU - SE**

Cidade Universitária Prof.^o José Aloísio de Campos
São Cristóvão/ SE
2017

CLARA SUZANE SILVA GOMES

**A SÓCIOESPACIALIDADE DO TRABALHO DOS AGENTES
DA LIMPEZA PÚBLICA DE ARACAJU - SE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe, como requisito para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientadora: Prof.^a Dr^a Josefa de Lisboa Santos

Cidade Universitária Prof^o. José Aloísio de Campos
São Cristóvão/ SE
2017

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

G633s
Gomes, Clara Suzane Silva

A socioespacialidade do trabalho dos agentes da limpeza pública de Aracaju - SE / Clara Suzane Silva Gomes ; orientadora Josefa de Lisboa Santos. – São Cristóvão, 2017.
110 f. : il.

Dissertação (mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Sergipe, 2017.

1. Geografia humana. 2. Trabalho. 3. Territorialidade humana. 4. Trabalhadores. 5. Limpeza urbana – Aracaju (SE). I. Santos, Josefa de Lisboa, orient. II. Título.

CDU 911.3:331

A SÓCIOESPACIALIDADE DO TRABALHO DOS AGENTES DA LIMPEZA PÚBLICA DE ARACAJU - SE

BANCA EXAMINADORA

Pre
sidente: Prof^a Dr^a Josefa de Lisboa Santos

ORIENTADORA

1º Examinador: Prof. ^a. Dr^a Maria Augusta Mundim Vargas (UFS)

2º Examinador: Prof.^o Dr^o Lucas Gama Lima (UFAL)

Mestranda: **Clara Suzane Silva Gomes**

Cidade Universitária Prof.^o José Aloísio de Campos
São Cristóvão/ SE, 31 de agosto de 2017

DEDICATÓRIA

Aos meus filhos Sophia e Heitor por serem a minha razão de
viver e serem o motivo pelo qual eu consegui seguir em
frente!

Aos trabalhadores e trabalhadoras da limpeza urbana de Aracaju!

AGRADECIMENTOS

Os caminhos percorridos até o fechamento desse ciclo foram regados com muitas aflições e muitas dificuldades, mas também foram percorridos com muitas alegrias e aprendizados que foram além UFS e contribuíram não só para o meu amadurecimento teórico, mas também ao meu amadurecimento profissional e pessoal.

Nesse momento de celebração eu posso externalizar a alegria da concretização desse sonho, que foi vivido junto com pessoas especiais que de uma forma ou de outra, contribuíram para que eu lograsse êxito nessa grande conquista.

Agradeço primeiramente a **Deus**, pela saúde e pela oportunidade de voltar aos estudos e realizar mais um sonho, me sustentando a cada dia e dedando-me forças pra não desistir em meio às intempéries e às pedras que encontrei no caminho, pois eu bem sabia que não seria fácil, mas também tinha a certeza que Ele não me desampararia.

Aos meus filhos **Sophia** e **Heitor**, que foram o pontapé pra eu que eu buscasse forças para retornar à sala de aula como discente, depois de anos de afastamento, em busca de conhecimento e qualificação; a fim de proporcionar-lhes melhores condições de vida. E mesmo com apenas dois e um ano de idade, respectivamente, tão pequenos, suportaram minha ausência, meus desequilíbrios emocionais, meus transtornos psiquiátricos e pelos beijinhos e abraços que me deram durante essa jornada.

Aos meus pais **Susana** e **Edvan**, por terem sempre me incentivado e me dado todo o suporte familiar necessário, para que eu pudesse continuar a jornada, cuidando dos meus filhos nas minhas ausências e nos momentos de leitura; sendo sempre amigos e companheiros, construindo comigo cada pedacinho desse sonho, pois se assim não fosse, eu não teria conseguido.

À minha professora, orientadora e amiga, Dr.^a **Josefa de Lisboa Santos**, que confiou em meu trabalho, me acolheu, me incentivou, e com toda paciência e sabedoria suportou minhas crises e me fez entender que na vida tudo passa e que não devemos desistir nunca. Por me lembrar de que nunca devemos perder o foco e a ternura. Por todos os livros e leituras indicadas, pelas orientações, debates e discussões. Por me receber até mesmo em sua casa, finais de semana

e feriado, com toda a paciência, cuidado e persistência. Pela instigação ao pensamento crítico, pela sua competência, inteligência, simplicidade, sobretudo, pela vontade de que desse certo.

Às minhas irmãs **Acácia** e **Elaine**, por auxiliarem nos cuidados com meus filhos pra que eu pudesse me ausentar e me estimulando a cada momento para que eu conseguisse chegar ao final, transmitindo segurança para alcançar esse sonho.

Ao meu marido **André Sá**, por me conhecer em um momento tão difícil e mesmo assim ter se tornado a base familiar que eu necessitava. Estimulando-me para que eu não perdesse o foco e não me rendesse ao desânimo; Somando todos os esforços para que eu pudesse seguir em frente..

Aos meus **amigos Ildema Aragão, Danielle Lima, Adriana Lohanna, Evanderson Miller, Thiane, Adriana Guimarães, Aline, César, Patrícia, Adriano Anderson Oliveira, Márcia Ismerin, Thaíse Moraes, Evanderson Miller, Amanda, Evanilson Tavares, Hellen Nascimento** e tantos outros que estiveram ao meu lado a todo o tempo.

Aos **trabalhadores** da limpeza urbana, que se dispusera a me ajudar, concedendo-me entrevistas, sempre com ares de agrado e confiança. Especialmente ao sr **Anderson Vidal**, vice-presidente do Sindicato, que por várias vezes, adiou compromissos e conseguiu um horário pra me atender.

A todos os professores do **Programa de Pós-Graduação em Geografia-PPGEO**, pelo conhecimento transmitido, pelas aulas cheias de conteúdo e informação, que fizeram dos meus dias, os mais proveitosos e agradáveis durante esses mais de dois anos. Em especial a professora Dr.^a **Alexandrina Luz**, que sempre se preocupou e me auxiliou nos meus momentos de desespero. Aos professores: **Drº Sócrates Menezes, Drº Marco Mitidiero, Drª Sonia Menezes, Drª Gicélia Mendes, Drº Marcelo Mendes, Drª Maria Augusta Vargas, Drº Eloísio da Costa, Drª Marleide Sérgio** e tantos outros...

A todos os **funcionários do PPGEO**, em especial a Mateus que sempre se esforçaram para nos ajudar e sanar as dúvidas e continuar a trilhar o meu caminho.

Aos meus **colegas de turma**, que se tornaram amigos e partilhar comigo as alegrias e agonias dessa jornada, a cada cafezinho, cada livro indicado, em cada texto debatido, em cada discussão, e que hoje celebramos com júbilo esse

momento de realização pessoal. Em especial a minha amiga **Ítala Santana**, que se tornou minha amiga confidente, minha parceira de todas as horas, pelas constantes demonstrações de afeto, pelas palavras de sabedoria e pela ternura. Aos outros, com igual carinho, Adelli Carla, Manoel Pedro, Carla Tanan, Cristiane Teixeira, André Gasteira, Vanessa Paloma, Eliany Dionízio, Sheyla Nascimento, Edilza, Josemar Hipólito, e todos os demais.

Por fim, agradecer aos meus familiares, especialmente **Tia Vera**, que a todo tempo esteve disponível para me ajudar no que fosse necessário, e pelas palavras de incentivo e confiança a mim dispensadas!

A todos, muito obrigada!!! Valeu a pena!!!!

“Os que não se movimentam, não
sentem as correntes que os prendem”

Rosa Luxemburgo

RESUMO

Esse estudo analisa a sócioespacialidade do trabalho na limpeza urbana de Aracaju, no estado de Sergipe. O sentido é explicar como se estabelecem e se configuram as condições e relações de trabalho na realidade concreta dos Garis e Margaridas, a partir das lógicas e determinações de controle do trabalho pelo capital. Partimos da compreensão de que a categoria trabalho é central para entender o quadro subjacente à produção do espaço na contemporaneidade e condição de existência e sociabilidade do homem. A forma como se espacializa e se singulariza responde aos anseios da reprodução do lucro capitalista. O desemprego estrutural, resultante da crise do sistema do capital com rebatimento na formação da crescente massa de trabalhadores “supérfluos”, ociosos, garante às condições de precarização do trabalho na limpeza urbana, que se configura pela desproteção ao trabalhador, na dilapidação dos direitos e perda de garantias e nas diversas formas de exploração do trabalho. Esses sujeitos assujeitados pela sua condição de expropriados dos meios de produção são os mesmos que vivem a segregação sócioespacial, econômica e cultural na cidade. Residem nos bairros pobres de Aracaju e em tais condições, se submetem aos baixos salários e aos riscos em acidentes de trabalho diversos: quedas do carro de coleta, cortes, micoses, dores no corpo, dores de cabeça, enjoos, irritação nos olhos, infecções. Tais condições incorrem em agravos à saúde do trabalhador, bem como a demandas por formas de articulação e organização política desses sujeitos. Esses são os aspectos que traduzem claramente a submissão do trabalho ao Capital e que buscou-se responder nessa pesquisa. A metodologia foi norteadada pelo método de investigação, que é o materialismo histórico e dialético, por entender que é a forma mais adequada de apreender a realidade, a partir da totalidade das relações. Como procedimentos de pesquisa, realizamos entrevistas semiestruturadas, questionários e observação de campo.

Palavras-chave: Sócioespacialidade, Trabalho, Trabalhadores da Limpeza Urbana.

ABSTRACT

This study analyzes the spatiality of the work on urban cleaning of Aracaju in Sergipe. The point is to explain how to settle and if you configure the conditions and working relationships in the concrete reality of the Garis and daisies from the logical and control determinations work by capital. We left understanding that categories work is central to understanding the underlying framework for the production of space in contemporary times and condition of existence and of human sociality. How if espacializa and if highlights responds to desires of the reproduction of capitalist profit. Structural unemployment, resulting from the crisis of the system of capital with lower in the formation of the growing mass of employees "superfluous", idle, ensures the conditions of precarious work in urban cleaning, which is configured by unprotecting the worker on squandering and loss of rights and guarantees in the various forms of exploitation of the work. These guys assujeitad by your condition of expropriated of the means of production are the same ones who live the sócioespacial, economic and cultural segregation in the city. Reside in poor neighborhoods of Aracaju and under such conditions, submit to low wages and risks in various work accidents: car crashes, hacks, mycoses, body aches, headaches, nausea, eye irritation, infections. Such conditions incur harms to worker's health, as well as the demands for forms of articulation and political organization of these subjects. These are aspects that reflect clearly the job submission to the Capital and sought to answer in this research. The methodology was guided by the research method, which is historical and dialectical materialism, understand that it is the most appropriate way of apprehending reality, from the totality of relations. Search procedures, we conducted semi-structured interviews, questionnaires and field observation of field.

Keywords: labour, urban cleaning workers, workers ' health;

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1- Mapa dos índices de condições de vida por bairros	20
FIGURA 2- Monumento que representa os trabalhadores da limpeza pública, localizado na sede da empresa Torre Empreendimento LTDA, em Aracaju -SE	58
FIGURA 3- Ônibus na sede da empresa Torre para o transporte dos trabalhadores durante a jornada diária de trabalho	63
FIGURA 4- Trabalhador na limpeza dos tubos de esgotos a “céu aberto” na periferia da cidade de Aracaju	73
FIGURA 5- Trabalhador na limpeza dos córregos a “céu aberto” na periferia da cidade de Aracaju	74
FIGURA 6: Trabalhadores realizando a capinagem das linhas e faixas	74
FIGURA 7: Realização da poda e jardinagem	75
FIGURA 8: Anúncio sobre violência contra um trabalhador durante a execução de seu trabalho	76
FIGURA 9: trabalhadores na limpeza do córrego do esgoto	76
FIGURA 10: Trabalhadores em meio às ruas e no Bueiro	77
FIGURA 11: Trabalhadores realizando limpeza de canal ao lado de uma cratera	77
FIGURA 12 : Trabalhadores com fardamento rasgado	78
FIGURA 13: Material do tipo Cortante.....	80
FIGURA 14 – Resíduos que representam risco de acidente ao trabalhador	81
FIGURA 15: Material perfurocortante mal embalado e sem descarte adequado	81
FIGURA 16: Lixo Hospitalar, passível de contaminação, mal acondicionado.....	82

FIGURA 17: Trabalhadores sendo transportados dependurados no caminhão, expostos à chuva.....	82
FIGURA 18: Trabalhadores sendo transportados pendurados no caminhão compactador a noite	83
FIGURA 19; trabalhador fazendo uso de protetor solar	84
FIGURA 20: Armazenamento de água do consumo dos trabalhadores	84
FIGURA 21: Local de depósito do recipiente com água utilizado pelos trabalhadores.....	86
FIGURA 22: Recipiente com água a ser utilizado pelos trabalhadores	87
FIGURA 23: Lixo acumulado nas ruas, por causa da greve dos trabalhadores.....	87

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1- Média de Idade dos Trabalhadores da Limpeza Pública de Aracaju – SE 60

GRÁFICO 2- Nível de Escolarização dos Trabalhadores da Limpeza Pública de Aracaju – SE 61

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA
 AGRADECIMENTOS
 EPÍGRAFE
 RESUMO
 ABSTRACT
 LISTA DE FIGURAS
 LISTA DE MAPAS E GRÁFICOS
 SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO I- O trabalho como nucleador da forma de existência do capital em crise	25
1.1- O trabalho como realização da condição humana.	27
1.2 - O trabalho no contexto da reestruturação produtiva	36
 2. CAPÍTULO II - Os sujeitos que vivem do trabalho de limpeza urbana. 47	
2.1 - O lixo urbano na história	48
2.2 - A limpeza urbana em Aracaju e os desafios para o trabalhador	58
2. 3 - Sobre trabalho produtivo x improdutivo	68
 3. CAPÍTULO III - Gari, o sujeito, o agente e o ofício.....	71
3.1- Precarização do trabalho e trabalho precário: um retrato da exposição aos riscos e à saúde do trabalhador	72
3.2 O sujeito invisível entre os sujeitos	93
 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
5. BIBLIOGRAFIA	102
6. APÊNDICE	107

INTRODUÇÃO



“Sonha e serás livre de espírito... luta e serás livre na vida”
Che Guevara

A presente pesquisa teve como finalidade analisar como se estabelecem e se configuram as condições, relações e a sócioespacialidade do trabalho dos agentes de limpeza urbana da cidade de Aracaju, estado de Sergipe, contratados pelas empresas Torre Empreendimentos e Cavo LTDA, Estre, que são responsáveis pela coleta de lixo, limpeza e varrição de rua e transbordo. Tal análise foi realizada partir da lógica e determinações do controle do capital, sobre o trabalho, no quadro atual das relações capitalistas; relações estas que se configuram atualmente como a determinação de uma nova morfologia do trabalho, "ajustado" às novas e constantes mutações do capital, de maneira que esse possa extrair ao máximo seus lucro e continuar seu metabolismo e ampliação, a partir, sobretudo, da precarização do trabalho e a precariedade cada vez maior das condições de realização desse trabalho, e, claro, da subsumção do trabalhador, aos desmando do capital, extraindo ao máximo, sua força e tempo de trabalho, concedendo-lhe apenas as mínimas condições, desrespeitando e fragilizando cada vez mais as suas conquistas, no que se refere às Leis trabalhistas.

Em face desse processo, destacamos os seguintes objetivos:

- Refletir sobre a relação capital/trabalho, identificando as novas facetas do mundo do trabalho, sob o jugo do capital;
- Averiguar as condições de trabalho a que os trabalhadores da limpeza pública de Aracaju estão submetidos;
- Investigar o cotidiano dos trabalhadores e trabalhadoras e suas formas de subjugação aos ditames do trabalho precarizado;
- Entender como as formas de dominação do trabalho pelo capital afetam a saúde ocupacional desses trabalhadores.

Para tanto, vários autores foram utilizados, no sentido de fornecerem o arcabouço teórico/metodológicos que embasaram essa pesquisa, que associado à prática da observação de capo, nos permitiu uma maior análise e interpretação dos resultados.

Assim, precariedade do trabalho é, de acordo com Vargas (2016):

Uma atividade com fins econômicos exercida em condições que colocam aqueles que a realizam em uma situação de risco, vulnerabilidade ou degradação, a precariedade do trabalho pode ser identificada tanto a partir do estatuto social do emprego ou ocupação, implicando certo nível de reconhecimento social, como a partir das condições objetivas e subjetivas de exercício do trabalho propriamente dito. (VARGAS, 2016, p. 313).

É nesse contexto que surgem os trabalhadores a limpeza urbana, ou simplesmente garis e margaridas, como são mais conhecidos; sujeitos que produzem o espaço geográfico, a partir da lógica da segregação sócioespacial, econômica e cultural, diante do desemprego estrutural e da crescente reserva de trabalhadores, ociosos e sujeitados ao aceite de más condições de trabalho, de modo a assegurarem o sustento familiar. Oriundos em sua totalidade dos bairros mais periféricos da cidade, onde os índices e condições de vida são baixos, representando, portanto, o espelho dessa segregação sócio espacial e econômica. (Ver figura 1).

A metodologia foi norteada pelo método de investigação, que é o materialismo histórico e dialético, por entender que é a forma mais adequada de apreender a realidade, a partir da totalidade das relações, visto que entendemos que esta teoria possibilita a análise dos fenômenos, considerando o universo mais amplo até chegar ao campo e sujeitos que consubstanciam a pesquisa, sempre com o intuito de mostrar a história e as possíveis raízes dos problemas, identificando, inclusive, as contradições que se configuram: “O Materialismo dialético ressalta a importância da prática social como roteiro de verdade enfocando historicamente o seu processo dialético” (Triviños, 1987, p. 51), partindo da compreensão de que o estudo da categoria trabalho é central para entender o quadro subjacente à produção do espaço na contemporaneidade. Ou seja, a forma como o trabalho se espacializa e se singulariza, respondendo aos anseios da reprodução do lucro capitalista, expressos no espaço, e mesmo como os embates a respeito da perda da centralidade dessa categoria, sendo, portanto, uma tarefa de suma importância o seu resgate. Utilizamos também e com igual importância a categoria geográfica espaço, compreendida enquanto relações sociais de produção e reprodução do espaço/tempo.

Seguindo essa concepção, Santos Neto (2012) apresenta:

Entre as distintas categorias que perfazem o universo da totalidade social nenhuma alcança o estatuto da prioridade ontológica no pensamento marxiano como a desempenhada pelo trabalho, pois essa categoria é um elemento decisivo tanto no processo de elucidação das diferentes categorias que integram a realidade social quanto no processo de construção de uma humanidade emancipada da subordinação estrutural a capital. O trabalho é a categoria central para o entendimento do mundo dos homens, pois pelo trabalho o homem se faz homem e a humanidade supera as imposições das determinações naturais para alcançar um nível de sociabilidade cada vez mais social. Embora as diferentes sociedades de classe tenham transformado o trabalho num fardo e num instrumento fundamental de subordinação de seus produtores diretos aos imperativos das classes dominantes, mediante a expropriação do excedente produzido pelos trabalhadores, a organização do trabalho continua sendo o elemento fundamental para a constituição de uma sociedade livre das determinações do tempo de trabalho e fundada no trabalho associado como fundamento do reino da liberdade que se exprime na configuração do tempo disponível na sociedade. (SANTOS NETO, 2012, p. 12)

É de essencial importância a discussão a respeito das categorias pois, elas estão imbricadas na sociedade, como resultado do seu desenvolvimento, pois essas “não são frutos de uma produção *a priori*, mas produtos de um longo desenvolvimento processual do ser social. As formulações das categorias são predicções sociais mediadas pelos sujeitos que fazem parte de uma dada forma de sociabilidade” (SANTOS NETO, 2012, p. 29).

O tipo de pesquisa utilizada foi a qualitativa, que estuda o objeto de com um caráter subjetivo, livre, com o intuito de compreender a realidade estudada. Para tanto, as técnicas utilizadas foram as entrevistas semiestruturadas¹, questionários e observação de campo, com o objetivo de nos aproximar ainda mais da realidade vivenciada pelos sujeitos e observada durante toda a pesquisa, de modo que o “brado” dos sujeitos fosse ouvido. Mostrando assim a importância desses instrumentos de pesquisa, pois é a partir deles que os sujeitos ganham voz, e externalizam seus anseios e percepções, assim como os questionários que nos auxiliam a não tolher a possibilidade do/a entrevistado/a trazer contribuições outras, mas inviabilizando digressões inapropriadas (Triviños, 1987). De maneira

¹ Ver Apêndice A e B

que os resultados esperados, foram alcançados de maneira muito mais eficazes, refletindo a realidade presenciada. Para Triviños (1987):

a entrevista semi-estruturada mantém a presença consciente e atuante do pesquisador e, ao mesmo tempo, permite a relevância na situação do ator. Este traço da entrevista semi-estruturada, segundo nosso modo de pensar, favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade, tanto dentro de sua situação específica como de situações de dimensões maiores. (TRIVIÑOS, 1987, p. 67)

Assim, concebe-se que as formas de extração do mais valor vêm sendo ampliadas como expressão das estratégias de acumulação comandadas pela lógica da finança capitalista. Nesse contexto, os trabalhadores responsáveis pela limpeza pública, são submetidos à realização do trabalho subvalorizado e a condições sub-humanas e acabam por “aceitarem” tais condições insalubres e indignas às quais são submetidos, diante do desemprego e da reserva de força de trabalho crescente no país. Tais condições incorrem em agravos à saúde do trabalhador, bem como a demandas por formas de articulação e organizações políticas desses sujeitos. Esses são os aspectos que traduzem claramente a submissão do trabalho sob o jugo do capital e que buscou-se responder nessa pesquisa.

Figura 1- mapa dos índices de condições de vida por bairros

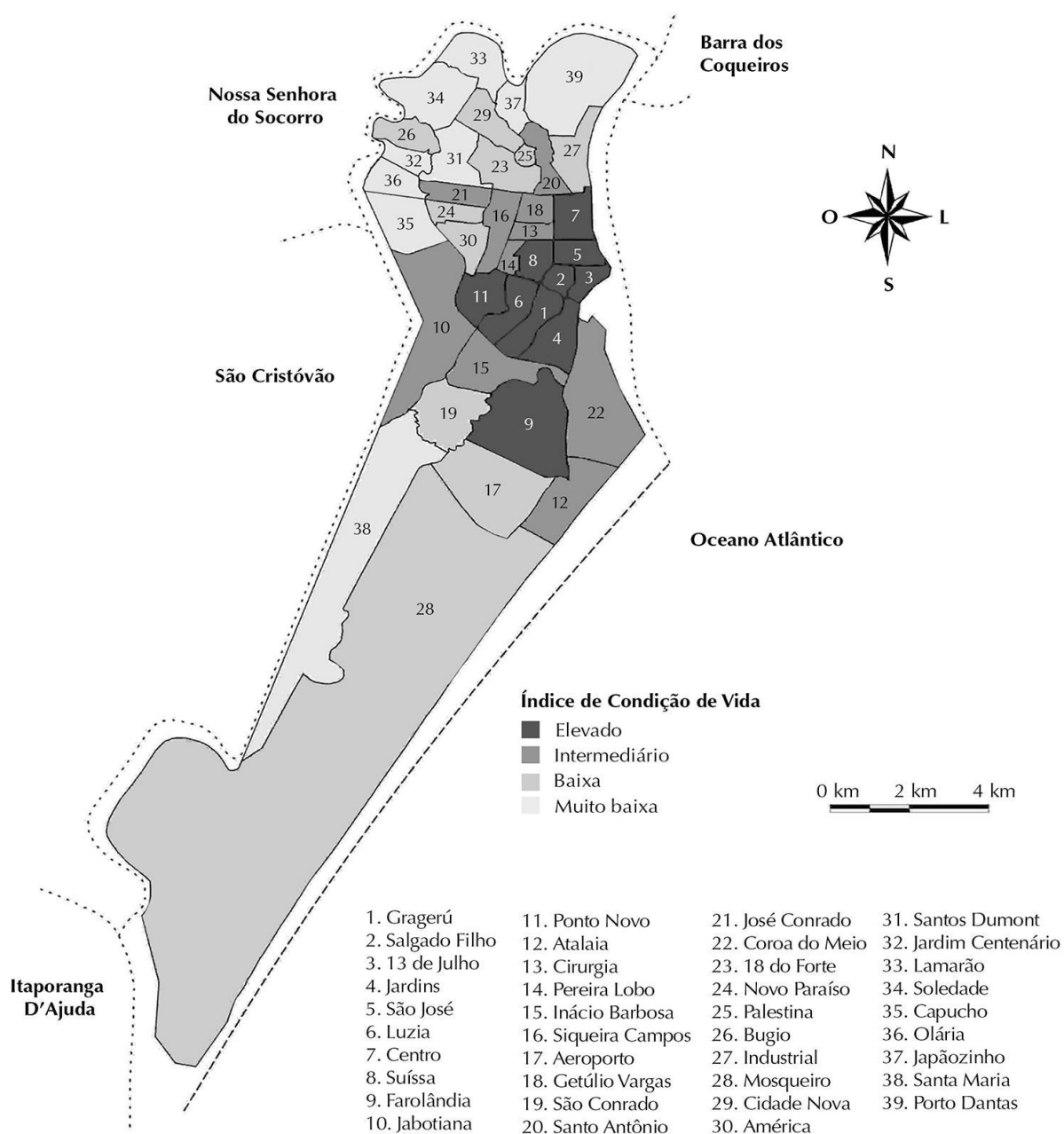


Figura 1- Mapa Índice de condições de vida por bairros do município de Aracaju/Sergipe - 2015. Fonte: Google²

² disponível em

https://www.google.com.br/search?q=bairros+de+aracaju&rlz=1C1AVNC_enBR682BR682&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiS-NLYtobVAhVKHpAKHeS3ANsQ_AUICygC&biw=1366&bih=662#imgsrc=gU2ULnGERKEhRM: Acesso em 14 de janeiro de 2016

Essa pesquisa foi dividida em três capítulos, sendo que, os dois primeiros vão trazer uma análise teórica sobre o trabalho e a produção do espaço diante da hegemonia do capital, mostrando suas morfologias e as consequências desse novo mundo do trabalho, ante as façanhas do capitalismo em sua sedenta necessidade de manutenção e ampliação. No último capítulo foi feita a análise do campo, ou seja, da realidade vivenciada e apresentada pelos sujeitos envolvidos nessa pesquisa, mostrando a ligação entre a precariedade do trabalho, saúde do trabalhador e a organização sindical.

No primeiro capítulo, intitulado **“O trabalho como nucleador da forma de existência do capital em crise”** abordamos o trabalho enquanto categoria, e no seu sentido ontológico, assim como a indispensável importância do trabalho para o capital se reproduzir, sobretudo, diante da crise do capital, que impõe uma indiscriminada superexploração e precarização, além do desrespeito às leis trabalhistas e dos ganhos já adquiridos pelos trabalhadores, apesar de que não existe de fato garantia alguma ao trabalhador, uma vez que esses ganhos podem, a qualquer tempo, serem subtraídos, conforme a correlação de forças e interesse do capital.

No segundo capítulo intitulado: **“Os sujeitos que vivem do trabalho de limpeza urbana”** fizemos um resgate histórico sanitário e do lixo, despontando as pessoas ou grupos de pessoas que desenvolvem essas atividades; fazendo conexão com a saúde do trabalhador, ante as condições de trabalho. Sobre esse aspecto, muitas doenças relacionadas ao estado ocupacional têm sido detectadas na atualidade. Doenças como: estresse, dores de cabeça, cirrose hepática, depressão, alcoolismo, DORT/LER e em muitos casos, a culminância no suicídio, uma vez que, uma das façanhas mais perversas do capital, representado pelas empresas, além da pobreza que ele determina, é a competitividade, diante do estabelecimento de metas inalcançáveis, pelo empregado e que coloca em risco a sua “estabilidade no emprego” abalando a saúde do trabalhador, através de transtornos mentais e físicos.

No Brasil, entre as doenças que mais afetam e afastam os trabalhadores do mercado de trabalho, de acordo com Vizzaccaro-Amaral (2012), estão:

(1º) as Lesões por Esforço Repetitivo/Doença Osteomusculares Relacionadas ao Trabalho (LER/DORT); (2º) as Lesões Traumáticas; e (3º) os Transtornos Mentais e Comportamentais,

cuja origem, em grande parte dos casos, está no chamado “estresse ocupacional”, decorrentes de fatores como o cumprimento de metas abusivas, alta competitividade entre os trabalhadores e a insegurança em relação à volatilidade do emprego e/ou da renda. A depressão é a principal causa, dentre os transtornos mentais e comportamentais de afastamento do trabalho no Brasil, respondendo por cerca de 50% dos casos, seguida pela ansiedade (e pela síndrome do pânico), em segundo lugar, e pelo abuso do álcool e drogas, em terceiro. Contudo, nos últimos anos tem havido um exponencial aumento de casos de síndrome de “burnout”, caracterizada pelo esgotamento profissional [...] um outro tipo de morte que desde a década de 1950, aumentou cerca de 60% no mundo todo, segundo a Organização Mundial da Saúde: o suicídio. Estima-se que, no mundo, cerca de 1,1 milhão tiram suas próprias vidas todos os anos. O que equivale a uma morte a cada 30 segundos. (VIZZACCARO-AMARAL, 2012, P.70)

No Brasil a saúde ocupacional, tem ganhado bastante notoriedade desde a década de 1950 e atualmente tem ganhado bastante peso nas discussões, pois como já foi sinalizado, é crescente o número de casos relacionados ao trabalho/ocupação/saúde. Assim, os direitos sociais e os aspectos jurídicos relativos à saúde do trabalhador, tem sido cada vez mais solicitados e mobilizados, no tocante às ações relativas a justiça do trabalho e violência no trabalho.

São as péssimas condições de trabalho nas quais os trabalhadores estão submetidos por essa lógica competitiva, acumulativa e produtivista de um sistema de produção autófago, e que rebatem diretamente na saúde desses sujeitos, afetando não só o trabalho, mas também na vida pessoal, familiar, social e conjugal desses sujeitos. Revelando a realidade perversa em que o capital, para continuar se reproduzindo, busca ao máximo retirar do trabalhador, aquilo que ainda lhe pertence, que é a sua força de trabalho, que está condicionada aos ditames de um sistema produtivo perverso e autófago.

Nesse ensejo, surgem como estratégias de enfrentamento e de defesa desses trabalhadores, as organizações sindicais, que se fazem sustentáculo, na medida em que somam forças e adquirem peso, diante as decisões da categoria, na tentativa de conquistarem o cumprimento das leis trabalhistas. Logo, trouxemos a discussão a respeito das organizações e representações desses sujeitos através do sindicalismo, como forma de ganharem “voz e vez” diante da hegemonia do capital, representado pelas instituições e empresas que atuam na

limpeza urbana. Mostramos então, as lutas e conquistas, perdas e ganhos no mundo do trabalho, historiando suas fases até a atual conjuntura, de maneira que pudemos demonstrar a peleja desses sujeitos na busca de melhores condições de trabalho, de vida e de dignidade, enquanto seres humanos. Na busca do tão sonhado sucesso no trabalho e, conseqüentemente, na vida.

No terceiro Capítulo: “**Gari, o sujeito, o agente e o ofício**” fizemos a caracterização desses sujeitos, despontando a dura realidade e a indignância a que são relegadas as pessoas que fazem o trabalho de limpeza urbana da cidade de Aracaju, e que já fazem parte da classe dos desprovidos, dos segregados e discriminados da sociedade, uma vez que, a totalidade mora nos bairros periféricos de Aracaju e Grande Aracaju, já sendo vítimas, portanto, da segregação sócioespacial, diante da produção desigual do espaço, que é inerente ao modo de produção capitalista, que busca o lucro e a acumulação, em sua natureza contraditória e sociometabólica. E que, ao passo que busca a eliminação do trabalho, gera a sua própria eliminação, uma vez que esse (o capital) se perpetua através da extração do mais valor, a partir do trabalho. Sendo assim, faremos a análise do que foi percebido em campo, através da observação, das entrevistas abertas e semiestruturadas, registros fotográficos e questionários.

Por fim, nas **Considerações Finais**, apresentamos discussões e análises finais dos resultados encontrados, e ousamos dar proposições que possam alterar de modo positivo, ou ao menos reduzir a situação em que se encontram os trabalhadores da limpeza urbana do município de Aracaju. Uma vez que entendemos, que essa problemática só seria realmente sanada com a substituição do modo produtivo autodestruidor, o famigerado Capitalismo.

CAPITULO I

O trabalho como nucleador da forma de existência do capital em crise



“O olho do homem serve de fotografia ao invisível,
como o ouvido serve de eco ao silêncio”

Machado de Assis

A produção do lixo é consequência imediata de um dos principais problemas sociais na atualidade, o consumo. O padrão atual de consumo, essencial à vitalidade do modo de produção capitalista, torna-se cada vez mais exacerbado, o que é intrínseco ao sistema sociometabólico e autofage. À medida que se reproduz, a destruição da natureza e da própria sociedade do trabalho vão expondo seu autofagismo.

Buscando expandir seu domínio e extrair ao máximo, o mais valor, através do trabalho, o capital tem se travestido de várias maneiras para alcançar de maneira global, a superexploração do trabalho, por via da intensificação das horas de trabalho, da dessocialização, precarização, subjugação do trabalhador e da indigência do ser humano, privilegiando unicamente, sua reprodução. Esse quadro, como nos esclarece ALVES (2004), é rebatimento do:

sóciometabolismo do capitalismo mundial que se desenvolve, principalmente, a partir da sua crise estrutural. [...] do sócio-metabolismo da barbárie e suas profundas implicações psicossociais na reprodução societal. [...] da crise da globalização a partir da tríplice crise do capital no século XX. Consideramos que é a partir de tais elementos teórico-analíticos que podemos investigar, numa perspectiva crítica renovada, alguns fenômenos candentes do capitalismo global, como a precarização do trabalho e a crise das políticas sociais. De fato, na virada para o século XXI, o sistema do capital explicita sua lógica destrutiva e acirra suas contradições sócio-históricas que assumem uma dimensão *qualitativamente nova*. (ALVES, 2004, p. 32)

A leitura da realidade concreta dos trabalhadores da limpeza urbana de Aracaju, ou simplesmente dos “garis e margaridas”, como também são conhecidos socialmente, sua espacialidade como sujeitos da cidade, como vivem, onde vivem, seus deslocamentos para o trabalho, só é possível de ser vislumbrada se realizarmos o debate sobre o trabalho, como categoria, que exprime a condição de existência e sociabilidade do homem. É necessário entender o seu caráter ontológico, uma vez que o trabalho é inerente ao homem, é sua condição natural de existência enquanto ser social, ou seja, enquanto ser em sociedade, independentemente do modo de produção em que está inserido. Para Marx (2008):

Como criador de valores de uso, como trabalho útil, é o trabalho, por isso, uma condição de existência do homem, independente de todas as formas de sociedade, eterna necessidade natural de

mediação do metabolismo entre homem e natureza e, portanto, vida humana. (MARX, 2008, p.218)

1.1 O trabalho como realização da condição humana

A sua condição humana se estabelece na relação homem-natureza, no modo como o homem se apropria da natureza, a fim de atender suas necessidades vitais e socioeconômicas, ao passo que modificando a natureza o homem modifica a si mesmo. De sorte que a natureza é imprescindível em qualquer sociedade, uma vez que o homem se utiliza dela para obter matérias-primas para manutenção econômica de sua sociedade.

Nesse viés, Marx destaca:

Antes de tudo o Trabalho é um processo entre homem e a natureza, um processo em que o homem por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria natural como uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para a sua própria vida. Ao atuar, por meio desse movimento, sobre a natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica ao mesmo, tempo, a própria natureza. (MARX, 1988, p. 149)

Na mesma perspectiva, aponta Tonet (2012):

Para Marx, o trabalho é o ato ontológico fundamental do ser social. Isto porque o trabalho contém em si os elementos que fazem dele a mediação responsável pelo salto ontológico do ser natural para o ser social. Ele, porém, deixa claro que isto se refere ao trabalho enquanto criador de valores-de-uso e não de valores-de-troca. Naquele sentido, portanto, o trabalho é uma determinação ineliminável do ser social, pois é através dele que o homem realiza o seu intercâmbio com a natureza. Que o trabalho se realize sob forma primitiva, asiática, escrava, feudal, assalariada, associada ou qualquer outra, em nada altera o fato de que ele permanece uma determinação humana essencial (TONET, 2012, p. 15)

Para Marx (2008), o trabalho é vida humana, ou seja, o homem só se realiza enquanto ser social mediante o trabalho. Para ele, o que distingue o trabalho humano de todas as demais atividades humanas é a sua função social. Sem o trabalho o ser humano não poderia existir socialmente. Nesse sentido, o

conceito de trabalho não se limita ao conceito econômico cotidiano, como meramente ocupação ou tarefa. Ainda para Marx, o homem transforma o trabalho social em um fator fundamental para a sociedade humana. Ele conclui que o trabalho é categoria central nas relações sociais, nas relações dos homens com a natureza e com outros homens, porque esta é a sua atividade vital. Se o caráter de uma espécie define-se pelo tipo de atividade que ela exerce para produzir ou reproduzir a vida, essa atividade vital, essencial nos homens é o trabalho.

Na perspectiva de Engels (2010) o trabalho é de suma importância para o homem, e é anterior a própria intelectualidade, e mais que isso, foi a partir da liberação das mãos, da confecção de ferramentas para modificação da natureza, com a finalidade de sobrevivência e melhor adaptação ao meio, que o homem pôde expandir seu cérebro e conseqüentemente, sua inteligência com capacidade de pensar e predefinir ações e atividades.

Para Engels (2010)

[...] os primeiros hominídeos não tinham grandes cérebros. Não foi o cérebro que potencializou a evolução humana. Pelo contrário, o crescimento do cérebro foi produto da evolução humana, especialmente da construção de ferramentas. (ENGELS, 2010, p.7)

Por isso, no pensamento do materialismo histórico e dialético, abandona-se a ideia de que teria sido a inteligência que construiu o homem, mas sim a sua capacidade de construir ferramentas de utilização necessária à sua sobrevivência. Essa perspectiva rebate as teorias evolucionistas criacionistas, em que a origem do homem era explicada a partir da criação divina e ainda, as teorias evolucionistas Darwinistas defendidas por Darwin e seus seguidores, em meados de 1876, que defendiam que as espécies evoluíam a partir da sua inteligência, e que se perpetuaram.

As teorias que explicam o surgimento do homem e evolução das espécies, nasceram da curiosidade constante dos seres humanos em tentar descobrir e entender sua própria existência, principalmente a partir do século XVIII. Inicialmente a teoria aceita foi a criacionista, essa teoria, especificamente, é baseada na Bíblia Sagrada, em seu livro Gênesis e idealiza a criação do homem

por Deus, de acordo com a sua imagem e semelhança. As teorias criacionistas eram explicadas de diferentes formas, de acordo com a religião, sociedade e cultura a que estavam inseridas, como a mitologia grega, por exemplo. Tais teorias baseiam-se na fé divina, sem experimentação científica. De acordo com a Bíblia Sagrada:

E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra. E criou Deus o homem à sua semelhança; à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou. (Gênesis, Capítulo 1, Versículo 26-27)

Por essa via religiosa, Deus criou o homem e os demais seres vivos existentes, ou seja, não houve evolução de espécies.

Já a teoria evolucionista explica a origem do homem e dos seres a partir do empírico, do comprovado cientificamente por experimentos. A existência do homem é explicada pela presença de moléculas orgânicas. A teoria evolucionista mais aceita e que não se tornou obsoleta é o Darwinismo, criada por Charles Darwin, que pela observação das diferenças e semelhanças dos animais e dos fósseis encontrados em diferentes partes do mundo, afirmou que os seres vivos evoluíram de outras espécies ancestrais, e que, portanto, o homem descendia dos homínídeos, tal como descendia o macaco, que foram evoluindo de acordo com a seleção natural das espécies e adquirindo novas características ao longo do tempo e das necessidades de sobrevivência, com melhor adaptação ao meio, sendo resultado de uma lenta transformação ocorrida em milhões de anos.

Assim, a teoria social marxista causou uma nova perspectiva na explicação da evolução do homem, pois a evolução a que Marx fez alusão era compreendida pela produção social, em que o próprio ser social, pelo trabalho e transformação da natureza, evoluía, criando um novo ser social. Para Engels, Marx tinha descoberto a Lei da evolução histórica humana. Nesse aspecto, o trabalho, o ser social e o tempo histórico, surgem como alicerce da evolução do homem,

Para Engels:

O trabalho é fonte de toda riqueza, afirmam os economistas. Assim é, com efeito, ao lado da natureza, encarregada de fornecer os materiais que ele converte em riqueza. O trabalho, porém, é

multíssimo mais que isso. É condição básica e fundamental de toda vida humana. É em tal grau que, até em certo ponto, podemos afirmar que o trabalho criou o próprio homem. (ENGELS, 2010, p.17)

Com igual perfeição, Dantas, a partir de Engels, vai pontuando como o trabalho transformou o macaco em homem, mostrando com tamanha clareza, que foi a partir do trabalho que o macaco se tornou homem, ou seja, que o ser humano nasce pela utilização das mãos para transformação da natureza, desenvolvendo-a fisicamente e habilmente e conseqüentemente, em todo o conjunto, que é o corpo. O trabalho é, portanto, a ruptura entre macaco/homem. Nas suas palavras:

Vemos, pois, que a mão não é apenas o órgão do trabalho; é também produto dele. Unicamente pelo trabalho, pela adaptação a novas e novas funções, pela transmissão hereditária do aperfeiçoamento especial assim adquirido pelos músculos e ligamentos e, num período mais amplo, também pelos ossos, unicamente pela aplicação sempre renovada dessas habilidades transmitidas a funções novas e cada vez mais complexas foi que a mão do homem atingiu esse grau de perfeição que pôde dar vida, como por artes de magia, aos quadros de Rafael, às estátuas de Thorwaldsen e à música de Paganini. A mão não era algo com existência própria e independente. Era unicamente um membro de um organismo íntegro e sumamente complexo. E o que beneficiava também a todo o corpo servido por ela; e o beneficiava em dois aspectos. (DANTAS, 2010, pp. 20-21)

Mais adiante, Engels (2010) esclarece quais são esses dois aspectos: “primeiro o trabalho, e depois dele e com ele a palavra articulada, foram os dois estímulos principais sob cuja influência o cérebro do macaco foi-se transformando gradualmente em cérebro humano” (ENGELS 2010, pp. 23-24). Diante dessas análises que partem do materialismo dialético, é notório que não há uma linearidade gradual, harmônica, ininterrupta e unilateral da evolução humana, mas sim um desenvolvimento em saltos, com tensões e catástrofes, “nos quais a morte (extinção) se converte na precondição para o nascimento (de novas espécies)”. (WOODS, 2007, p. 421 *Apud* ENGELS, 2010, p.13)

Seguindo esse mesmo raciocínio, Engels (2010) cita Wood, Grant (2007) e salienta:

O ponto essencial não é que os humanos “utilizam ferramentas”, mas que são os únicos animais que as fabricam, e não como uma atividade accidental ou isolada, mas como condição essencial à sua existência, da qual depende tudo o mais. Assim, ainda que, do ponto de vista genético, humanos e chimpanzés sejam praticamente idênticos, e o comportamento destes últimos, em alguns aspectos, pareça marcadamente “humano”, o chimpanzé mais inteligente não é capaz de construir uma ferramenta de pedra, por mais rudimentar que seja, como a do *Homo erectus*, uma criatura na fronteira evolutiva da humanidade. Em seu livro *A origem do gênero humano*, Richard Leakey, diz o seguinte: “os chimpanzés são habilidosos usuários de ferramentas e utilizam paus pra capturar cupins, folhas como esponjas e pedra para quebrar nozes. Porém até agora em nenhum nível, nunca se viu nenhum chimpanzé selvagem fabricar uma ferramenta de pedra. Os humanos começaram a fabricar instrumentos cortantes há 2,5 milhões de anos golpeando uma pedra contra outra, iniciando assim o caminho da atividade tecnológica que é o que mais se destaca da pré-história humana” (WOODS, GRANT, 2007, p.306, apud ENGELS, 2010, p. 9).

Nesse mesmo raciocínio é que se defende o trabalho como atividade primeira e unicamente humana e que a partir dele, é que há o pleno desenvolvimento do ser humano e social. Assim, concordamos também com Engels (2010) quando nos mostra que o homem evoluiu ao ponto de surgir um novo homem, que é a sociedade. E é sob essas determinações que o autor nos explica.

Quando o homem se separa definitivamente do macaco, esse desenvolvimento não cessa de modo algum, mas continua, em grau diverso e em diferentes sentidos entre os diferentes povos e as diferentes épocas, interrompido mesmo às vezes por retrocessos de caráter local ou temporário, mas avançando em seu conjunto a grandes passos, consideravelmente impulsionado e, por sua vez, orientado em um determinado sentido por um novo elemento que surge com o aparecimento do homem acabado: a sociedade (ENGELS, 2010, pp. 24-25)

Com toda clareza, podemos então entender que o homem é um ser social, nascido pelo e com o trabalho, transformando-se em um todo, que é a sociedade.

Na mesma esteira, Tonet (2012) mostra-nos a importância da categoria trabalho, explicitando que

É o trabalho, entendido como intercâmbio do homem com a natureza, através do qual o homem cria os bens materiais necessários à sua existência e, ao mesmo tempo, se transforma a si mesmo, que dá origem a um novo tipo de ser- o social radicalmente diferente do ser natural. É a partir do trabalho e como resultado da complexificação que dele resulta que surgem todos os outros complexos sociais. É a análise desta categoria que permite a Marx demonstrar o caráter radicalmente histórico e social do ser social. (TONET, 2012, p. 7).

Indo mais adiante, Engels (2010) vai destrinchando como as mãos, a partir do trabalho, contribuíram para o desenvolvimento do cérebro e a construção das civilizações, a partir de novas exigências e demandas e, conseqüentemente, do surgimento de novas e cada vez mais complexas esferas do trabalho:

O homem que havia aprendido a comer tudo o que era comestível, aprendeu também, da mesma maneira, a viver em qualquer clima. Estendeu-se por toda a superfície habitável da terra, sendo o único animal capaz de fazê-lo por iniciativa própria. Os demais animais que se adaptaram a todos os climas – os animais domésticos e os insetos parasitas- não conseguiram por si, mas unicamente acompanhando o homem. E a passagem do clima uniformemente cálido da pátria original para as zonas mais frias, onde o ano se dividia em verão e inverno, criou novas exigências, ao obrigar o homem a procurar habitação e a cobrir seu corpo pra proteger-se do frio e da umidade. Surgiram assim novas esferas do trabalho, e com elas novas atividades, que afastaram ainda mais o homem dos animais[...]. Frente a todas essas criações, que se manifestavam em primeiro lugar como produtos do cérebro e pareciam dominar as sociedades humanas, as produções mais modestas, frutos do trabalho da mão, ficaram relegadas, a segundo plano tanto mais quanto numa fase muito recuada do desenvolvimento da sociedade, a cabeça que planejava o trabalho já era capaz de obrigar mãos alheias a realizar o trabalho projetado por ela. (DANTAS, 2010, pp. 28-29)

O trabalho enquanto tarefa, negada pela perspectiva marxista, conceituado como um “conjunto de atividades, produtivas ou criativas, que o homem exerce para atingir determinado fim “ ou mesmo, “atividade profissional regular, remunerada ou assalariada” ou seja, o trabalho é uma necessidade humana, que se transformou ao longo dos tempos, e as suas características se moldam à

sociedade e a cultura a que está inserido. Nessa definição o trabalho pode ser dividido em: primitivo, escravo, feudal, capitalista e comunista.

O trabalho primitivo, foi aquele em que o homem não fazia grandes alterações na natureza e suas ferramentas de trabalho eram simples, confeccionadas manualmente e que atendiam as necessidades apenas de sobrevivência humana, não de estocagem ou acumulação, não havia classes, nem relações de poder, nem hierarquia; ou seja, as relações de trabalho eram iguais, e o homem participava de todo o processo produtivo.

O trabalho escravo surge com o desenvolvimento de novas técnicas e instrumentos de produção, que gerou uma maior produção e conseqüentemente um estoque, a partir de então, surgem as relações de poder, de dominação, pois os detentores dos meios e produção, passaram a escravizar os trabalhadores para aumentarem ainda sua produção, seus lucros.

Com a crescente ruralização, e a queda do império romano, surge uma nova forma de organização social, o feudalismo, baseada no trabalho feudal, em que os proprietários de terra e dos meios de produção, “concediam” parcelas de suas terras para os servos, e esses entregavam a maior parcela da produção aos senhores feudais. Posteriormente, mercadorias trazidas das guerras eram comercializadas ao redor dos feudos e castelos.

No fim da Idade Média, com as caravanas europeias e o início das trocas de mercadorias, surge o capitalismo, que a partir da comercialização cada vez maior, do crescente desenvolvimento das técnicas e instrumentos de produção, foi ganhando força, passando por diferentes fases, como o mercantilismo (baseado no comércio de mercadorias), o industrial (baseado nas indústrias e relação patrão/empregado) e o financeiro (baseado nas trocas financeiras, nas multinacionais, e nos bancos e nas grandes corporações). Se nas sociedades pré-capitalistas a relação homem natureza era menos destrutiva, ou seja, o processo de produção do espaço era menos nocivo à natureza por ser mais lento, uma vez que os interesses dessa produção não era a busca incessante de riquezas e acúmulo de bens, com o advento do capitalismo essa relação foi grandiosamente alterada. Moreira (1994) assegura que:

A organização do espaço será o resultado da relação de forças produzidas pela confrontação das classes. Para o capital, os

homens só existem enquanto produtores de mercadorias, e o seu trabalho só é produtivo se gerar mais valia que é o trabalho não pago ao trabalhador. O salário seria assim o pagamento parcial do que é efetivado pelo trabalhador e com o qual este suprirá no mercado os meios para sua sobrevivência. Para que o salário fique sempre em um nível gerador de mais valia, o capital criou o “exército industrial de reserva” (Ibidem, p. 96).

Com a chamada revolução industrial, o crescimento econômico se acelera e isso agiliza o processo de expansão das relações capitalistas sobre o espaço. Para tanto, foi necessário separar o homem de seus laços com as condições materiais de trabalho, ou seja, foi necessário expropriar o campesinato da terra, retirar os meios de produção dos artesãos, forçando a concentração dos homens cidade, onde na impera o capital.

O capital rompeu os nexos homem/natureza, modificando a relação homem-meio. Quer dizer, de um lado têm-se o homem, de outro oposto, têm-se a natureza (trabalhador - meio de produção). Afastado dos meios de produzir, o trabalhador, ou seja, o trabalho (necessário à reprodução capitalista) tornou-se “livre” para ser explorado pelos capitalistas, aqueles detentores dos meios de produção.

No capitalismo, a realização do trabalho ocorre como apropriação da força de trabalho pelos donos dos meios de produção, há nesse modo de produção, a separação entre quem controla os meios e quem produz, se tornando o trabalho estranhado para o trabalhador. Gemelli (2011), quando enfatiza que:

Sob o viés do capitalismo, já não é mais o trabalhador que decide o que produzir, sendo estranho também ao trabalhador, [...]. A finalidade do trabalho não é mais determinada pelo trabalhador, assim como sua relação com a natureza, também se torna estranhada, uma vez que a transforma, por exemplo, não para atender às suas necessidades de sobrevivência, mas a necessidade de acumulação do capital, condição paradoxal, pois para sobreviver na sociedade capitalista, existem duas condições; ser dono dos meios de produção, ou vender sua força de trabalho ao dono dos meios de produção. (GEMELLI, 2011, p. 50)

Assim, entendemos que na relação dos seres humanos com a natureza, mediada pelo trabalho, modificando a natureza, o homem modifica a si mesmo, de forma que não há dissociação nessa relação, havendo sim, uma

interdependência. Quando essa relação obedece aos ditames do capitalismo, ela perde a sua essência unicamente humana, torna-se estranha ao homem, flagelando assim o “corpo único”, que passa a ser dividido em detentores dos meios de produção e vendedores de força de trabalho.

Historicamente, o trabalho foi mudando seus sentidos, de acordo com o as novas exigências sociais e econômicas. De acordo com ANTUNES (2005)

Desde o mundo antigo e sua filosofia, o trabalho vem sendo compreendido como expressão de vida e de degradação, criação e infelicidade, atividade vital e escravidão, felicidade social e escravidão. *Érgon* e *pónos*, trabalho e fadiga. Momento de cartase e vivência de martírio. Ora cultuava-se seu lado positivo, ora acentuava-se o traço de negatividade (ANTUNES, 2005, p. 11)

O trabalho deixa, então, de ser o metabolismo entre homem e natureza e assume funções e características bastante distintas, e passa a ter função de valorização do capital, sendo fator fundamental na sua reprodução e ampliação, tornando-se abstrato a partir da extração da mais-valia, ou mais-valor, ou seja, do trabalho não pago, da superexploração do trabalhador e do acúmulo de capital. Assim, Lessa (2007), chama atenção para essa transmutação do trabalho que:

Tem que deixar de incorporar prioritariamente as necessidades humanas, para atender prioritariamente às necessidades de reprodução do capital. O que equivale a dizer que abre um amplíssimo campo de antagonismo entre o que somos enquanto seres humanos concretos, historicamente determinados, e as possibilidades e necessidade de desenvolvimento do sistema do capital. Com sua crise estrutural, o capital, se torna uma força social crescentemente destrutiva, - e o trabalho sob a regência do capital torna-se crescentemente alienado, desumano. (LESSA, 2007, p. 197)

Com as relações capitalistas, o trabalho ganha novo sentido, à medida que as relações capitalistas se complexificam, o trabalho também fica cada vez mais complexo, passa a ser uma mera mercadoria estranha ao trabalhador, e esse, o trabalhador alienado, separado do fruto do que foi produzido, pelo seu trabalho. Para Antunes (2005):

Na sociedade capitalista o trabalho se torna assalariado, assumindo a forma de trabalho alienado. Aquilo que era uma finalidade básica do ser social – a busca de sua realização

produtiva e reprodutiva no e pelo – transfigura-se e se transforma. O processo de trabalho se converte em meio de subsistência e a força de trabalho se torna, como tudo, uma mercadoria especial, cuja finalidade vem a ser a criação de novas mercadorias objetivando a valorização do capital. Desconfigurado em seu sentido primeiro, de criação de coisas úteis, o trabalho se torna meio, e não “primeira necessidade” de realização humana. (ANTUNES 2005, p. 69)

Desde então, o trabalho passa a ser estranhado ao trabalhador. O homem torna-se desumanizado e o trabalhador alheio do fruto de seu trabalho, torna-se alienado. Ou seja, o trabalhador não se realiza no trabalho, Antunes (2005) acrescenta que, na sociedade capitalista, tem-se como resultante a desrealização do ser social. Para esse autor,

O resultado do processo de trabalho, o produto, aparece junto ao trabalhador como um ser alheio e estranho ao produtor. Tem-se, então, que essa realização efetiva do trabalho aparece como desefetivação do trabalhador. Esse processo e alienação do trabalho (que Marx também denomina como estranhamento) não se efetiva apenas no resultado – a perda do objeto-, mas abrange também o próprio ato de produção, que é o efeito a atividade produtiva já alienada. Se o produto é o resultado da atividade produtiva, resulta que esta se encontra também estranha ao trabalhador. (ANTUNES, 2005, p. 70)

Essa é a relação capital-trabalho no sistema sociometabólico do capital na contemporaneidade. A subsunção formal e real do trabalho ao capital está desenhada e as consequências são nocivas à classe que vive do trabalho. Após a crise dos anos 1970, esse quadro se aprofunda, apontando rebatimentos para o trabalho, como veremos no item que segue.

1.2- O trabalho no contexto da reestruturação produtiva

As transformações ocorridas no universo do trabalho após o século XX, mais precisamente, com a passagem do fordismo-taylorismo para o toyotismo, sobretudo, em meio à crise dos anos de 1970, apontaram para o trabalho vivo, a

condição de anacrônico ao contexto de tendência decrescente da taxa de lucro. Mészáros (2006) destaca essa característica da crise estrutural como o mais expressivo anúncio do atingimento dos limites absolutos desse sistema sociometabólico.

As crises do capital são inerentes à sua essência, com produção mais ampla que o subconsumo. Sua constante busca por reprodução o obriga à concorrência e, nesse processo, a elevação da composição orgânica do capital com o desenvolvimento das forças produtivas o faz desembocar em crises, ou seja, crises em razão da composição orgânica do capital. As chamadas crises de “superprodução ou de ausência de consumo”. Trata-se de uma lógica de acumulação que leva à superprodução, que não encontra demanda efetiva de subconsumo. Nos anos de 1970, o capitalismo encontrou um cenário de larga produção de mercadorias (o conjunto das economias centrais, viveram no pós-guerra uma recuperação econômica que os permitiu aumentar seus níveis de produtividade). Tal produção não encontrou na proporção desejada pelo sistema os mesmos níveis de consumo, levando todo o sistema à tendência decrescente da taxa de lucro, conforme previsto por Marx. Ressaltando que essas crises não acontecem somente pelo subconsumo, mas também pelo próprio incremento, pelo aumento da composição orgânica do capital, Pela apropriação privada, inclusive por fazer o gancho com a dispensa do trabalho produtivo.

É nessa urdidura que compreendemos que a irracionalidade do capitalismo, se amplia. A crise de “superprodução”, que dispensa trabalho vivo, por meio do desemprego estrutural, orienta a migração de capital para a esfera financeira, ou seja, é a partir da mundialização do capital, pós eclosão da crise dos 70, que eclodiram mudanças sociopolíticas, que trouxeram em seu bojo a precarização do trabalho vivo, e também visceralmente e contraditoriamente a destruição social. Nesses tramites, Alves (2004) salienta:

O sistema da mundialização do capital é o sistema de metabolismo social da *produção destrutiva*, isto é, a expressão mais desenvolvida da lei da queda tendencial da utilização dos valores de uso, do desperdício generalizado, [...] Em sua fase desenvolvida hipertardia, ele constitui uma nova forma de sócio-metabolismo – o sócio-metabolismo da barbárie com características específicas que a diferenciam do sócio-metabolismo de outras etapas de desenvolvimento capitalista. O cerne do sócio-metabolismo da barbárie é sua lógica destrutiva que atinge não apenas a objetividade da produção, mas a

subjetividade dos “sujeitos monetários” como diria Kurz. (ALVES, 2004, pp. 33-34).

É a partir desse debate que aprendemos que o sóciometabolismo social depreendido da financeirização e da mundialização do capital, a partir da sua lógica destrutiva e acumulativa, que traz em suas contraditórias entranhas a construção social, necessária ao desenvolvimento social, e sua destruição, a partir da sua construção. Sob esse aspecto, salienta DANTAS³ (2015, p. 5):

Ao mesmo tempo em que se expandiam os gastos militares, sobretudo após a deflagração da crise econômica dos anos 1970, ia sendo afirmada a preponderância do endividamento e dos ganhos financeiros sobre os não financeiros, processo que foi tomando conta da economia internacional.

Assim como o autor supracitado, Mészáros (2005) também é eloquente ao referir-se ao complexo industrial militar como gastos destrutivos, já que produz mercadorias destrutivas e ainda servem como destruidor de forças produtivas, uma estratégia para contrastar a crise. Engels continua argumentando que:

Existe um duplo movimento: no mesmo processo em que os gastos militares passam a ser o “estímulo permanente” da economia, está se convertendo no reino do capital financeiro em suas formas mais especulativas e parasitárias de capital fictício, à medida, sobretudo, em que a economia retoma a recessão. Os gastos militares, portanto, parecem ter se convertido em parte essencial dos meios a que o sistema passou a recorrer tentando evitar a eclosão de crises (ou afrontá-las), para se contrapor à perda de lucratividade na economia não bélica. Outros meios, dentro dessa mesma finalidade, incluem o crédito, as compras estatais e o circuito de valorização do capital fictício (2015, p. 5).

Em meados da década de 1970, com o aparecimento da ideia de globalização, os investimentos financeiros e as empresas multinacionais começaram a ganhar força e peso diante das economias globais, Alves (2004), entendeu como necessária ao próprio revigoramento do capitalismo, onde ele ressurgiu com uma nova aparência, nova aceitação, e que apesar de correr o risco do levante de resistência, manifestos e revoltas, faz-se necessária, como

³ www.unicamp.br/cemarx/ANAIIS%20IV%20COLOQUIO/.../GT3/gt3m4c4.pdf Acessado em 20/05/2017.

sustentáculo para a ascensão de uma nova fase do capital, em suas palavras: “a crise da globalização é tão-somente o ápice de um desenvolvimento crítico. O que significa que, ao invés de ser uma mera exceção, a crise é a própria normalidade da globalização” (ALVES, 2004, p. 35).

Para esse autor, a crise tem uma funcionalidade estrategicamente importante e sistêmica para o capital. Na realidade, ela colabora criando e até aumentando as condições para a continuidade da reprodução em escala mundial. Ou seja, a crise

contribui para criar (e ampliar) a base de desenvolvimento do seu próprio metabolismo social, no plano mundial, eliminando resistências sociais e políticas, dotando novas formas ideológicas capazes de expressar a natureza incontrolável da civilização da aquisitividade capitalista. É claro que a crise é um momento de “risco” para o mundo capitalista, pois com ela podem se constituir, nos elos mais fracos do sistema, alternativas de desenvolvimento não-capitalista. Entretanto, a crise é tão necessária para a acumulação capitalista, quanto os momentos de crescimento e de *boom* especulativo. (ALVES, 2004, p. 35)

Muitas mudanças sociais e políticas ocorreram para que fosse possível acolher as arrumações socioeconômicos necessários a essa nova fase, como nos aponta Thomaz Jr. (2005):

Nos centros urbanos as principais marcas desse processo de reestruturação produtiva do capital se evidenciam no fato de que as plantas fabris estão sendo remodeladas para abrigar os rearranjos que apontam para a intensificação da concentração de capital, do crescimento inaudito da urbanização, seguido das maiores taxas de favelização e de desemprego da população trabalhadora. (THOMAZ Jr. 2005, p. 03)

Segundo Antunes (2000) a década de 1990, trouxe os processos de reestruturação produtiva e o ajuste estrutural. Pode-se dizer, que nas últimas décadas as relações sociais e de trabalho sofreram profundas modificações, principalmente no que diz respeito às privatizações, um dos motivos responsáveis pelo alargamento do desemprego, do contrato temporário e consequentemente do aumento da desigualdade e da exclusão social.

Portanto, a transformação da sociedade no capitalismo ampliou a complexidade das relações de trabalho estabelecida. Segundo o autor, os novos

padrões de organização e gerenciamento, oriundas das transformações no mundo do trabalho, teve a substituição dos padrões rígidos Taylorista/Fordista por padrões mais flexíveis como o Toyotismo, que propõe a flexibilização da produção, opera com estoque mínimo se adaptando a atender com rapidez às novas exigências do mercado, implicando na flexibilização e na eliminação dos direitos trabalhistas. Pode-se afirmar que este padrão de produção toma força na década de 1990, se estabelece e consegue se manter.

Estas transformações não refletem apenas nas relações de trabalho, provocam modificações drásticas na vida cotidiana do trabalhador, como: nos direitos, na educação, no lazer e na vida privada, acentuando, cada vez mais, a concentração do capital para um número bastante reduzido e a pobreza se ampliando gerando em larga escala as contradições sociais. Sem dúvida, o trabalho precário e o desemprego estrutural associam-se à desestruturação das políticas sociais e mostram na atualidade uma realidade social dramática e perversa oriunda da histórica perversa relação entre capital e trabalho.

Frente a todo este processo de contradições das relações econômicas e sociais, o universo das relações de trabalho no capitalismo vem progressivamente adquirindo múltiplas processualidades, as quais também não são novas, mais duráveis e persistentes que são "a expansão do trabalho parcial, temporário, precário, subcontrato, 'terceirizado', que marca a sociedade dual no capitalismo [...]" (ANTUNES, 2000, p.51).

Nesse viés, a crise do capital e a desregulamentação na economia, rebateram diretamente no trabalho, o que provocou diversas mutações no mundo do trabalho. Para Tomaz Jr (2005):

O edifício social sob o referencial da centralidade do trabalho, continua sendo a fonte de valor da sociedade capitalista, todavia à base de crescente precarização/desqualificação/fragilização de contingentes expressivos de mulheres e homens trabalhadores. (THOMAZ Jr. 2005, p. 01)

Mais adiante o autor continua enfatizando que:

Está-se diante, pois, dos rearranjos da ordem metabólica do capital em nível mundial, que adota as formas e procedimentos

derivados/combinados do taylorismo-fordismo para o toyotismo, bem como outras formas de organização do processo de trabalho, e que impactam diretamente na diminuição do operariado industrial tradicional [...]. Esse é o caminho mais seguro para construirmos novos referenciais teórico-metodológicos para vislumbrarmos a compreensão do universo do trabalho, cada vez mais fragmentado, heterogeneizado e precarizado, particularmente sob o fogo cruzado da reestruturação produtiva (THOMAZ Jr. 2005, p. 02)

Esse quadro fez muitos estudiosos questionassem a importância do trabalho para a sociedade, uma vez que o trabalho vivo, com a modernização foi sendo paulatinamente substituído pelo trabalho morto, das máquinas, no mundo da tecnologia, levando vários estudiosos a defenderem o fim da centralidade do mundo do trabalho.

Para Cardoso (2011)

[...]a partir do final da década de 1960, um conjunto de autores despontaria no cenário da sociologia, abrindo fortes questionamentos quanto à centralidade ocupada pela categoria trabalho no pensamento social. De fato, a crise estrutural do capitalismo ora desencadeada e seguida pelas crises do Estado, da regulação da economia, do tradicional sistema taylorista/fordista de produção industrial, seu consequente declínio e o surgimento de um novo setor produtivo calcado nas novas tecnologias da informação e da comunicação, na automação de base microeletrônica e da economia de serviços levou inúmeros autores a desenvolver o credo de que esse momento da história do mundo se fez acompanhar de uma crise da racionalidade capitalista, bem como do pressuposto sociológico que até então sustentara a concepção de uma sociedade do trabalho. (CARDOSO, 2011, p. 96)

Houveram diversos questionamentos a respeito do trabalho enquanto indispensável ao ser social, uma vez que alguns acreditaram que o trabalho seria extinto, não havendo mais razão para a sua centralidade.

Mais a diante o mesmo autor continua:

[...]diante das inúmeras transformações na economia e na sociedade, e a partir das novas formas de produção e de trabalho delas advindas, lançou-se a hipótese de que o esquema tradicional de uma sociologia fortemente centrada na categoria

trabalho, isto é, no trabalho referente a um capitalismo estável, não seria mais capaz de dar conta das inúmeras formas sociais com que o novo capitalismo fazia desabrochar. (CARDOSO, 2011, p. 96)

Essas preocupações recorrentes dos desdobramentos da crise estrutural das décadas de 1960/70 e do desemprego estrutural, questionaram a centralidade do trabalho enquanto fundante do ser social, levando estudiosos a acreditarem que o trabalho seria extinto, não havendo mais razão para a sua importância. Antunes (2000) ressalta que “no pensamento contemporâneo, tornou-se (quase) lugar comum falar em “desaparição do trabalho” (Dominique Méda) [...] em “perda da centralidade da categoria trabalho” (Off), ou ainda em “fim do trabalho” (Jeremy Rifkin)” (ANTUNES, 2000, p.159)

Cardoso (2011) reitera que:

[...] diante das inúmeras transformações na economia e na sociedade, e a partir das novas formas de produção e de trabalho delas advindas, lançou-se a hipótese de que o esquema tradicional de uma sociologia fortemente centrada na categoria trabalho, isto é, no trabalho referente a um capitalismo estável, não seria mais capaz de dar conta das inúmeras formas sociais com que o novo capitalismo fazia desabrochar, (CARDOSO, 2011, p. 271)

No entanto, na contramão desse pensamento, outros estudiosos mostraram que enquanto existirem seres humanos e sociedade, haverá trabalho, pois o trabalho é vital e fundamental para o desenvolvimento social e humano. E o que ocorreu na verdade foram “metamorfoses” no mundo do trabalho, gerando o que Antunes (2000) chamou de “crise da sociedade do trabalho”. Antunes (2000), ao contrário do que alguns pensaram, nos esclarece esse processo:

As máquinas inteligentes não podem *extinguir* o trabalho vivo. Ao contrário, a sua introdução utiliza-se do trabalho intelectual do operário que, ao interagir com a máquina informatizada, acaba também por transferir parte dos seus novos atributos intelectuais à nova máquina que resulta desse processo. Estabelece-se, então, um complexo processo interativo entre trabalho e ciência produtiva, que não leva à extinção do trabalho, mas a um

processo de retroalimentação que gera a necessidade de encontrar *uma força de trabalho ainda mais complexa, multifuncional, que deve ser explorada de maneira mais intensa e sofisticada*, ao menos nos ramos produtivos dotados de maior incremento tecnológico. Com a conversão do *trabalho vivo* em *trabalho morto*, a partir do momento em que, pelo desenvolvimento dos *softwares*, a máquina informacional passa a desempenhar atividades próprias da inteligência humana, o que se pode presenciar é um processo que Lojkin denominou como *objetivação das atividades cerebrais junto à maquinaria*, de transferência do saber intelectual e cognitivo da classe trabalhadora para a maquinaria informatizada. A transferência de capacidades intelectuais para a maquinaria informatizada, que se converte em linguagem da máquina própria da fase informacional, através dos computadores, acentua a transformação do *trabalho vivo* em *trabalho morto*. Mas não pode eliminá-lo. (2000, p.161)

Nessa perspectiva de nova fase do capital, do trabalho e da sociedade do trabalho, o que aparece são novas formas de trabalho, o resultado de suas metamorfoses, ou seja, a noção ampliada do trabalho, que são o trabalho material e imaterial, expressas na intelectualização do trabalho transformando-o em serviços e mercadoria, e a disposição deles, totalmente indissociáveis do capital, e não o seu aniquilamento, como Antunes (2000) persiste em nos esclarecer:

Há ainda em curso na sociedade contemporânea outra tendência dada pela crescente imbricação entre trabalho *material* e *imaterial*, um vez que se presencia, no mundo contemporâneo, além da monumental precarização do trabalho dotado de maior dimensão intelectual, quer nas atividades industriais mais informatizadas, quer nas esferas compreendidas pelo setor de serviços e comunicações, entre tantas outras[...] desse modo, o trabalho imaterial expressa a vigência da esfera informacional da forma-mercadoria: ele é expressão do conteúdo *informacional* da mercadoria, exprimindo as mutações do trabalho operário no interior das grandes empresas, e do setor de serviços, onde o trabalho manual direto está sendo substituído pelo trabalho dotado de maior dimensão intelectual. Trabalho *material* e *imaterial*, na imbricação crescente que existe entre ambos, encontram-se, entretanto, centralmente subordinados à lógica da produção de mercadorias e de capital. [...]. A produção material e a produção de serviços necessitam crescentemente de inovações, tornando-se por isso cada vez mais subordinados a uma produção crescente de conhecimento que se convertem em mercadorias e capital. (2000,p. 161-162)

Antunes (2000) aponta as principais metamorfoses no mundo do trabalho, que marcam a heterogeneização, complexificação e fragmentação da classe trabalhadora e observa que o mundo do trabalho na contemporaneidade vivencia:

uma múltipla processualidade: de um lado verificou-se uma *desproletarização do trabalho industrial, fabril*, nos países de capitalismo avançado, com maior ou menor repercussão em áreas industrializadas do Terceiro Mundo. Em outras palavras, houve uma diminuição da classe operária industrial tradicional. Mas, paralelamente, efetivou-se uma expressiva expansão do trabalho assalariado, a partir da enorme ampliação do assalariamento no setor de serviços; verificou-se uma significativa heterogeneização do trabalho, expressa também através da crescente incorporação do contingente feminino no mundo operário, vivencia-se também uma *subproletarização* intensificada, presente na expansão do trabalho parcial, temporário, precário, subcontratado, “terceirizado”, que marca a *sociedade dual* no capitalismo avançado, [...].

O mais brutal resultado dessas transformações é a expansão sem precedente na era moderna, do *desemprego estrutural*. Que atinge o mundo em escala global. Pode-se dizer, de maneira sintética, que há uma *processualidade contraditória* que, de um lado reduz o operariado industrial e fabril, de outro, aumenta o subproletariado, o trabalho *precário* e o assalariamento no setor de serviços. Incorpora o trabalho feminino e exclui os mais jovens e os mais velhos. (ANTUNES, 2000, pp. 49-50)

Assim, tais transformações, como a automação, robótica, que diminuíram os trabalhadores fabris, rebateram em um alto índice de desemprego e aconteceram paralelamente ao que Antunes (2000), considerou como uma tendência “dada pela subproletarização do trabalho, presentes nas formas de trabalho precário, parcial, temporário, subcontratado, “terceirizado”, vinculado à economia informal, entre tantas modalidades existentes”; (ANTUNES, 2000, p. 52)

Diante da precarização, pauperização e desrespeito as leis trabalhistas, no Brasil, intensifica-se cada vez mais os níveis de miserabilidade, “pois a proporção de pobres no campo é mais de que o dobro da existente nas cidades, 57% e 27% respectivamente, ou em termos absolutos 40 milhões de pobres nos centros urbanos e 16,5 milhões no meio rural” (Thomaz Jr 2005, p. 07). O que se revelam como dados gritantes, uma vez que, atualmente, esses dados estão ainda mais elevados e, de forma orquestrada, fazem parte da reprodução ampliada do capital no interior de sua ordem metabólica. Esse sóciometabolismo gerado pelo capital,

e que provoca a miserabilidade, segregação e abandono é ressaltado por Alves (2004), quando assegura que:

Os sintomas do sócio-metabolismo da barbárie se ampliam não apenas nos pólos subalternos do sistema do capital, incluso o Brasil, mas inclusive nos pólos centrais do sistema do capital (por exemplo, constatou-se uma nova pobreza no Primeiro Mundo, que se amplia mesmo nas condições de um crescimento da economia capitalista). Há cerca de trinta anos, o capitalismo no Brasil busca uma inserção sustentável na nova economia política do capitalismo global. Mas o que constatamos nesse período de crise do desenvolvimentismo foi o desmonte de formas “modernas” de sociabilidade a título de se adaptar à nova ordem “pós-moderna” do capital. De fato, a adaptação à *globalização* torna-se um mero eufemismo para o desenvolvimento de um sócio-metabolismo da barbárie como novo modo de evolução do capitalismo mundial. (ALVES, 2004, p. 32).

Nessa esteira, a reestruturação produtiva do capital lança novas identidades do trabalho, tornando-o cada vez mais alheio ao trabalhador, e a “precarização da força de trabalho (do trabalho vivo) em geral assume formas sócio-histórico-geográficas diferenciadas ao longo do processo de desenvolvimento capitalista” (THOMAZ Jr 2005, p. 08). Sendo, portanto, cada vez mais multifacetado (o trabalho) e subordinado aos desmandos do capital, que está longe de acabar, mas que na verdade, é o emprego que está cerceado de seus reconhecimentos e garantias.

Precarização, de acordo com Silva (2012) “deriva do precário, no latim *precarius*, que significa instável, frágil, insuficiente”. Portanto a precarização social é também fragilização dos laços sociais. Dessa maneira, corroboramos com o referido autor, e acrescentamos, que o mesmo conceito, pode ser utilizado, com relação ao trabalho, pois entendemos que essa insuficiência, também enfraquece os laços sociais, uma vez que o trabalho, é a realização do ser, enquanto ser social.

Ainda que a crise do capital repercuta no trabalho, em sua morfologia, a centralidade do trabalho, não deixa de ser primordial na sociedade capitalista.

O homem, não encontra prazer e completude no trabalho, pois, tornou-se a ele estranhado, atendendo as suas necessidades de, e cada vez mais, sobrevivência, que está cada dia mais precarizada, diante dos ditames do modelo de organização e produção capitalista que tornou o trabalho um fardo ao

trabalhador, pois dele é sugada a sua condição humana. O trabalhador vem perdendo direitos trabalhistas, salário, moradia, alimentação, ficando cada dia mais subjugado aos mandos do capital.

Diante do desemprego estrutural, os trabalhadores têm se sujeitado às condições expostas em parágrafos anteriores, para que possam garantir o vínculo empregatício, que, mesmo a contragosto, é de onde tiram seu sustento.

Segundo Conceição (2007):

À contramão do modelo modernizante da organização da produção e do trabalho, a reprodução ampliada do capital é garantida por formas de desqualificação do trabalho e do trabalhador. [...] a perda dos direitos trabalhistas e o crescente desemprego favorecem a desrealização do ser na condição de sujeitos assujeitados do capital, aceitando qualquer tipo de contrato precarizado, parcial e temporário, sujeitando-se a racionalidade do capital e à lógica do mercado. (CONCEIÇÃO, 2007, p. 95)

As transformações, as novas exigências e as novas demandas, continuaram a surgir, até o nível atual, com alto grau de complexidade, gerando mutações cada vez mais emaranhadas. Nesse ensejo, as transformações presenciadas na economia e nos processos produtivos, tiveram rebatimento direto no mundo do trabalho, que se configura atualmente como a desrealização do ser humano e social.

Além das formas que as empresas encontram para superexplorar o trabalhador e precarizar o trabalho, via flexibilização dos contratos, com respectiva redução dos direitos conquistados pelos trabalhadores, proliferam-se ocupações distintas do assalariamento. Entretanto, essa forma de precarização, no Brasil tem sido comum também entre os trabalhadores mais qualificados. Entre os contratados para serviços braçais, ou seja, entre os menos qualificados, um quantitativo importante nunca teve um emprego regulamentado. Os empregadores se sentem muito à vontade para assegurar o baixo custo da força de trabalho e garantir altos níveis de acumulação. Entendemos que há uma tendência de precarização, que, em relação aos trabalhadores da limpeza urbana de Aracaju, se associa à precariedade das condições de trabalho, intensificando em muito a exploração desses trabalhadores, em um cenário em que prevalece a

lógica da extração da renda, o privilegiamento da insegurança da manutenção do emprego e a falta de direitos sociais.

O capítulo que segue irá apresentar a trajetória histórica do trabalho desenvolvido por trabalhadores da limpeza urbana e esse quadro no Brasil. Nesse percurso pode-se vislumbrar que se trata de um trabalho desenvolvido por sujeitos sociais historicamente expropriados e subvalorizados. Mas, não é possível caracterizá-los sem antes abordar a natureza do trabalho que desenvolvem e sua funcionalidade para o capitalismo. Esse tema encerra o próximo capítulo.

CAPÍTULO II

Os sujeitos que vivem do trabalho de limpeza urbana



“Deve ser o nosso jeito de sobreviver – não comendo lixo concreto, mas engolindo esse lixo moral e fingindo que está tudo bem”

Lya Luft

2.1 - O lixo urbano na história

Desde a formação das cidades, o lixo gerado pela sociedade passou a se tornar um problema social, tanto no que se refere à saúde pública, quanto para a estética urbana.

Com o surgimento de aldeias e cidades, por volta de 4.000 a.C., o homem passou a fixar-se em seu território, já que eram até então nômades. Foi daí por diante que o lixo passou a ser notado, pois os povos observavam a fertilidade nos espaços onde havia dejetos e lixos orgânicos, assim como passou se preocupar-se com o mau cheiro que os resíduos produziam. Alguns estudiosos acreditam que muitos povos antigos se utilizavam desses lixos para a agricultura e, mesmo com a necessidade de um local adequado para o descarte, já era possível perceber certa importância, além da necessidade de pessoas responsáveis para esses serviços. Como afirma Eigenheer (2009):

“temos o início de uma dualidade que vai acompanhar o lixo e os dejetos: o necessário afastamento, e mesmo receio e rejeição, de um lado, e aceitação por sua utilidade, de outro”. São inúmeros os exemplos que indicam como os dejetos e o lixo orgânico produzidos nas cidades da Antiguidade foram usados na agricultura. Na mitologia grega já encontramos a expressão dessa dicotomia: as fezes acumuladas nas estrebarias do rei Augias são um problema a ser resolvido pelo lendário Hércules. A solução passa por transferir o material indesejado para um espaço adequado. O trabalho de Hércules consiste em desviar um curso d'água para dentro dos estábulos, removendo o estrume para os campos que são, assim, fertilizados para a agricultura. “Daí ser Hércules o patrono da limpeza urbana na antiga Grécia”. (ENGENHEER, 2009, p. 17)

Daí, percebemos então o surgimento a história do sanitarismo como um serviço público, diante da necessidade de normas para a limpeza urbana, ou seja, com o crescimento populacional, e o desenvolvimento dos centros urbanos, a produção de restos, se tornou cada vez maior, desencadeando em caso de preocupação social, devido à propagação de doenças; necessitando, então, de medidas de contenção ou mesmo solução pra esse problema. O acúmulo de lixo nas ruas e a sujeira provocavam não só a proliferação de animais peçonhentos, como também epidemias, como foi o caso da Peste Negra, (como ficou conhecida

a Peste Bubônica na Europa na Idade Média), doença transmitida por pulgas e ratos, esquilos e até mesmo espirros e tosse de pessoas infectadas, e que, com o lixo acumulado nas cidades, esses animais ficaram mais próximos à população. De acordo com Sousa⁴:

Na Antiguidade, existem relatos que a cidade de Roma, mesmo contendo sistema de esgoto, era marcada por ruas onde o lixo era lançado na porta das casas. Na Baixa Idade Média, as péssimas condições de higiene e a presença de lixo e esgoto a céu aberto facilitaram enormemente a proliferação da temida Peste Negra. No início da Idade Moderna, a situação não avançou de forma significativa- SOUSA, Rainer. História da origem dos garis. In (http://alunosonline.uol.com.br/historia/origem-dos-garis.html#disqus_thread- Acesso em 22/10/2016)

Foram necessárias providências e grandes esforços das equipes sanitárias para conter a peste, e impor novos hábitos de higiene à população, uma vez que, de modo geral, não havia saneamento básico, como pavimentação das ruas, canalização da água, coleta lixo e dejetos e até mesmo de cadáveres e animais mortos; sendo medidas conjuntas e associadas, necessárias à erradicação dos animais e de seus habitats, tais como nos aponta Eigenheer (2009):

Em várias cidades italianas, por essa época, foram estabelecidas normas para destinação de dejetos e carcaças de animais, e para criação de animais nos limites urbanos. Tenta-se retomar a pavimentação e a eliminação de águas paradas. Proíbem-se a destinação inadequada de dejetos por carroceiros, o lançamento de lixo e fezes nas ruas e o uso da água das chuvas (enxurrada) como meio de se livrar de lixo e dejetos, que provocavam o entupimento de canais (EIGENHEER, 2009, p. 61)

Observa-se que desde tempos antigos o serviço de limpeza urbana é um dos mais importantes no que se refere à saúde pública. No entanto, a limpeza das ruas, ou cidades, como uma política pública é um fato considerado recente, pois foi apenas a partir de 1884, que inicialmente em Paris, se tornou obrigatório o depósito do lixo em latões e não mais o descarte diretamente nas ruas. Na Antiguidade, povos como os sumérios, os assírios, egípcios, gregos e os romanos

⁴Rainer Gonçalves Sousa, Colaborador Alunos Online, Graduado em História pela Universidade Federal de Goiás – UFG, Mestre em História pela Universidade Federal de Goiás - UFG

tinham uma grande noção de limpeza urbana, os assírios, por exemplo, os sacerdotes “eram responsáveis pela água e a limpeza da cidade” (EIGENHEER, 2009, p. 26), sendo Roma, notadamente, o país que mais desenvolveu o sistema de limpeza urbana, com a pavimentação de ruas, canalização de água para consumo, escoamento das águas servidas e destinação dos cadáveres (que eram lançado em covas, sarcófagos, incineração coletiva ou cremados).

Já na idade Média, com a decadência do Império Romano, a limpeza urbana, e a higienização das cidades também decaíram. O crescimento populacional e das cidades a criação de animais e a falta de higienização das casas ruas, foram pivôs para o alastramento de muitas doenças. Assim, houve por parte e muitos governantes o interesse de solucionar os problemas referentes aos costumes de desprezo quanto às imundícies defronte as residências. Como ainda nos aponta Eigenheer (2009):

A situação se complica com a redução dos espaços livres, o aumento populacional e a construção de casas com vários pavimentos, entre outros fatores. [...]. Outrossim, não se abria mão da criação de animais (especialmente porcos, patos, cães etc.) que, se por um lado podem servir como eliminadores de lixo orgânico, por outro são responsáveis por uma crescente produção de excrementos e desordem pelas ruas e becos. Nos séculos XIV e XV são inúmeras as tentativas, em diversas cidades, de se controlar a criação de porcos. O costume de se armazenar (ou mesmo jogar) dejetos humanos e animais defronte às casas passa a ser um complicador. Ainda no século XIV são muitos os esforços de caráter administrativo, em variados locais, no sentido de disciplinar ou dar fim a tais práticas. (EIGENHEER, 2009, p. 47)

Em sequência, no final da Idade Média e início da Modernidade várias ações de saúde públicas foram implantadas a fim de melhorar a condição de saúde da população, como o calçamento das ruas e praças. O serviço regular de coleta de lixo era realizado inicialmente pela própria população e posteriormente passou a ser o ofício dos marginalizados socialmente. Assim surgem os primeiros agentes de limpeza urbana, que de modo ainda tímido, como nos coloca Eigenheer (2009):

Segundo Hösel, na Idade Média, onde havia serviços de limpeza urbana, estes eram inicialmente prestados por particulares. Só quando fracassavam, optava-se pelo serviço público (p.69). A

limpeza esteve frequentemente subordinada ao carrasco da cidade e aos seus auxiliares. A ajuda de prisioneiros e prostitutas era também comum. Segundo o mesmo autor, em 1624, em Berlim, passou-se a empregar prostitutas para a limpeza das ruas com o argumento de que *“usavam mais as ruas do que os outros cidadãos”*. Dava-se continuidade a uma prática que, no caso de prisioneiros, estende-se pelo menos até o século XX. Tais informações são importantes para se compreender as origens da desqualificação do trabalho com lixo. (EIGENHEER, 2009, pp. 65-66)

Assim, observa-se as raízes históricas da desqualificação e do desprestígio das pessoas que trabalham com a coleta de lixo e limpeza urbana, que ficou associado a lixo e os trabalhadores, a pessoas tratadas também como escória, sobretudo os desprovidos de condições socioeconômicas, o que nos chama a atenção essas ações que levam a uma segregação social chegando até os dias atuais.

A revolução industrial, o crescimento das cidades e o avanço na medicina foram os alicerces para um grande avanço na questão da limpeza urbana, de modo a conter a contaminação das águas, contenção de pestes. Assim, continuamos a concordar com Eigenheer (2009):

Só na segunda metade do século XIX é que se presenciaram modificações substanciais na limpeza urbana, inclusive em aspectos técnicos. Isto se deveu em parte ao surgimento da Revolução Industrial, que trouxe em seu bojo um acelerado crescimento urbano, com graves implicações habitacionais e sanitárias. Foram necessárias medidas para amenizar não só a triste situação dos bairros operários como a pressão sobre áreas mais nobres da cidade (peste, contaminação das águas, etc.). Decisivo para avanços na limpeza urbana foi o surgimento, na segunda metade do século XIX, da teoria microbiana das doenças, refutando a secular concepção miasmática e trazendo uma radical mudança na visão da saúde pública e da atenção em relação aos nossos dejetos. Dá-se grande importância à qualidade da água, e se estabelece a necessidade de se separar esgoto de resíduos sólidos. A questão destes resíduos continua como questão de higiene pública e atrelada à área médica. (EIGENHEER 2009, pp. 69-70).

No século XX essa tendência à limpeza das cidades e do trato do lixo aumentou de forma significativa, em países como Suíça, Holanda e sobretudo, na Alemanha, que se destaca até os dias atuais no que concerne a limpeza urbana e

ao descarte do lixo, utilização de carroças para o transporte do mesmo em vasilhames, além da triagem e reciclagem do lixo, bem como da preocupação da própria população em varrerem suas portas e manterem a limpeza das ruas. Nessa perspectiva, os instrumentos e técnicas utilizadas para a limpeza urbana foram se aperfeiçoando de modo que a Alemanha, nesse século, passou a ser modelo de organização no trato do lixo, e ainda podemos considerá-la nos dias atuais.

No Brasil Imperial a higienização nas ruas se dava de maneira muito precária. Com as ações de limpeza pública em Paris, o Brasil foi também influenciado e passou-se a elaborar ações que buscassem amenizar o problema das sobras. Relata o professor Rainer Sousa que:

O problema do lixo urbano, por incrível que pareça, só passou a ser tratado pelas autoridades públicas há pouco mais de cem anos. No ano de 1884, Eugène Poubelle, então prefeito da cidade de Paris, estabeleceu um decreto obrigando que os donos de prédios fornecessem latas de lixo aos locatários dos apartamentos e salas. Em reação à novidade imposta pelo prefeito, os parisienses passaram a chamar suas primeiras latas de lixo de “boîtes Poubelle”, o que em português significaria “latas de Poubelle”. Essa primeira ação foi o início de outros projetos de limpeza urbana que passaram a fornecer melhores condições higiênicas às cidades. No Brasil, as ações iniciais de limpeza das vias públicas aparecem na época do governo imperial. No ano de 1830, uma lei da capital imperial estipulava que houvesse o “desempachamento” das ruas da cidade. No caso, além de retirar o lixo, a lei de natureza “higiênica” determinava que as mesmas ruas fossem livradas dos mendigos, loucos, desempregados e outros animais ferozes. (Disponível em <http://alunosonline.uol.com.br/historia/origem-dos-garis.html>, acesso em 10/08/2016).

Assim, para evitar que o lixo se acumulasse nas ruas, as pessoas designadas para realizarem esse ofício, eram os marginalizados socialmente, como aponta Eigenheer (2009):

Também a indicação das pessoas empregadas nessas práticas e serviços ligados à limpeza urbana (remoção de lixo, detritos e cadáveres) é importante para se avaliar a insegurança e a ameaça que representavam. Via de regra, temos nessas atividades excluídos sociais (prisioneiros, estrangeiros, escravos, ajudantes de carrascos, prostitutas, mendigos, etc.). De alguma forma permanece ainda hoje a prática segundo a qual os

“socialmente inferiores” devem se encarregar desses serviços. (EIGENHEER, 2009, p.20)

O transporte do lixo de particulares era realizado pelos escravos de menor valor: os “tigres” ou “cabungos”, como eram conhecidos esses escravos que faziam o transporte desses dejetos até as praças ou à praia. Esses transportadores eram considerados indignos, portanto, tinham que realizar a repugnante tarefa de levar as imundícies, por ser um trabalho degradante e indolente, do ponto de vista social. O carregamento do lixo era feito a partir das 22 horas em vasilhames, geralmente feitos de madeira (por isso eram frágeis e inadequados) e, por serem transportados na cabeça do condutor ou em seus braços, costumeiramente aconteciam acidentes com o rompimento desses reservatórios, e o transportador ficava todo coberto pelos dejetos; tornando o trabalho ainda mais degradante a quem o praticava, pois, além do mau cheiro, a humilhante tarefa eram motivo de gargalhadas, assobios e até palmas de seus companheiros e de quem os observava. Além de serem submetidos a essa zombaria, tinham que limpar as calçadas, as vitrines das lojas e tudo que estivesse sujo após o episódio. Com relação à limpeza pública, esse ofício era realizado pelos prisioneiros, não pelos escravos.

Ainda nos desponta Eigenheer (2009) que;

A efetivação dos serviços de limpeza através ora da contratação de firmas particulares, ora com a organização de serviços públicos, esbarrava em inúmeros entraves técnicos, administrativos, financeiros e de costumes da população. Em 11/10/1876 contratou-se a firma de Aleixo Gary, que foi um marco importante para a limpeza urbana do Rio de Janeiro. Daí a designação até hoje de “gari” para alguns empregados da limpeza urbana. Novidades foram introduzidas, como o uso de canos especiais para coleta de lixo e irrigação das ruas, e até mesmo a instalação de quiosques urinários e latrinas. Mas os problemas perduraram, já que muitos serviços foram compartilhados com outras firmas. A empresa de Gary fica até 1891. Depois dela, os serviços de limpeza ficaram a cargo da Inspetoria de Limpeza Pública, que iniciou em 1895 a construção de um forno para queima de lixo em Manguinhos. A experiência fracassou.

Posteriormente, foram organizados locais mais adequados para o despejo e implantado um sistema de esgoto. Contratou-se firmas específicas para o trato

com o lixo, e foi contratada a firma do francês Pedro Aleixo Gary, e seu nome se tornou uma denominação para os trabalhadores de limpeza urbana de todo o Brasil, uma vez que a população associava o nome “gari” ao trabalho como lixo, pois Gary reunia sua equipe para a varrição e coleta de lixo no Rio de Janeiro. Assim, nos esclarece Sousa que:

Uma das primeiras ações organizadas para o serviço de recolhimento do lixo urbano apareceu no Brasil quando o governo imperial contratou o francês Aleixo Gary para transportar o lixo produzido no Rio de Janeiro para a ilha de Sapucaia. O sobrenome do contratado acabou sendo utilizado para a designação feita a todos os funcionários que realizam a coleta de lixo nas cidades. Disponível em: <http://alunosonline.uol.com.br/historia/origem-dos-garis.html>. Acesso em 10/08/2016.

Na década de 1970, com a redução da força de trabalho masculina, que estava sendo recrutada para a construção civil e também por se empregarem crescentemente nas fábricas, houve uma maior contratação de mulheres para a realização dessa tarefa de varrição, sendo assim, buscou-se um nome que pudesse identificar essas trabalhadoras, que fosse de fácil associação com o nome “gari” que já tinha se popularizado. Assim, pensou-se no nome “margarida”, por ser uma flor (simbolizando a mulher), ser branca (representando a limpeza) e ainda conter em sua escrita o nome “gari”; a denominação “margarida” ganhou, aceitação da população e as trabalhadoras da limpeza urbana do país e tornaram-se conhecidas por essa designação até a atualidade.

Atualmente no Brasil ainda há um grande desafio no que se refere à limpeza urbana, ao transporte e coleta de resíduos sólidos, bem como quando se trata da sensibilidade e da conscientização da população no tocante à sujeira produzida por ela, ao descarte do lixo e seu acondicionamento. Além desses quesitos, podemos também destacar no que se refere à própria estrutura das cidades, que em sua maioria não dispõem de um projeto eficiente no que tange ao lixo urbano. Com igual importância, é necessário que se dê valor ao próprio gari, que é um sujeito central nessa relação, uma vez que ele produz o espaço, à medida em que se inscreve na relação capital/trabalho como o elo frágil, que de forma segregada espacialmente, responde aos ditames do capital.

Nesse aspecto, o poder público por meio da legislação regula as competências dos governos federais estaduais e municipais, no que se refere aos assuntos relacionados ao lixo. Assim a Cartilha Nacional de Limpeza Urbana, organizada pelo Instituto para a Democratização de Informação sobre Saneamento Básico e Meio Ambiente, de autoria do Ministério da Ação Social e Secretaria Nacional de Saúde, aponta que:

Atribuições do Poder Público Os incisos I e V do art. 30 da Constituição Federal estabelecem como atribuição municipal legislar sobre assuntos de interesse local, especialmente quanto à organização dos seus serviços públicos. Fica, portanto, definida claramente a competência do Município quanto ao gerenciamento dos serviços de limpeza urbana, fato que tradicionalmente vem ocorrendo no Brasil. No caso de grandes aglomerações urbanas, em particular nas Regiões Metropolitanas, o destino do lixo passa a ser um problema sério, geralmente afetando vários Municípios. O Governo Estadual pode intervir, então, cuidando das integrações necessárias. Podem ainda os Municípios interessados se consorciarem para tratar da questão. Assim, são evitadas duplicações e irracionalidades. Os investimentos serão divididos e os custos operacionais do sistema passarão a ser mais baixos. Os Governos Federal e Estadual têm um papel a cumprir também! Vai lhes caber auxiliar o Município, promovendo algumas medidas: - estabelecendo as normas gerais que serão adotadas como princípios orientadores; - tornando acessíveis os programas de financiamento para serviços de limpeza urbana. Aqui é preciso muita atenção para verificar se as propostas correspondem às realidades regionais e locais. (Cartilha de Limpeza Urbana, disponível em: http://www.ibam.org.br/media/arquivos/estudos/cartilha_limpeza_urb.pdf, acesso em 17/08/2017).

Desse modo, tem-se uma tentativa de maior organização do trato do lixo, pela delegação de funções e competências, a fim de que se possa amenizar os problemas referentes ao descarte dos resíduos sólidos no país. No entanto, é possível observar que a precariedade no sistema de limpeza, é uma questão que ainda se constitui um desafio à sociedade.

Esse quadro aponta para que desde o surgimento da atividade, o trabalho que permeia a coleta de lixo, tem sido tratado pela sociedade com desprestígio, uma vez que as condições de trabalho são degradantes, humilhantes, o que mostra a indignidade a que esses trabalhadores historicamente estão refreados.

Apesar de serem elementos centrais quando o assunto é limpeza pública, os garis e margaridas, são sujeitos tão desapoitados socialmente, que muitas vezes se tornam invisíveis aos que os circundam. Para os que tratam da limpeza diariamente nas ruas, é quase que comum não serem notados, não serem cumprimentados, ou às vezes até respondidos. A intolerância social, o preconceito e a falta de sensibilidade ao outro, chega ao trabalhador como um ferimento mais profundo, do que os objetos perfurocortantes que com frequência se cortam.

Em trabalho de campo, o professor Drº. Fernando Braga, em sua tese de doutorado, explica a sensação em que vestido de gari, passando-se por um trabalhador de limpeza pública, tornou-se invisível aos que convivia diariamente; assim descreveu:

Quando passei pelo IPUSP e naquele uniforme vermelho, fiquei *invisível* para os outros estudantes, conhecidos meus: ninguém me viu. Cenas rápidas, lances de imagens me tomaram. Misturados naquelas sensações, confuso, [...] buscava compreender a ambiguidade que em mim se instalara: em alguma medida, alguma compreensão do que me dizia, compreendê-lo, alegrava-me, eu me sentia além de mim, como em comunhão com o mal estar de um gari, ali, perto de mim- uma vivência de alargamento, de viagem para fora, de enriquecimento; ao mesmo tempo, sofria com a dor dele, doía mais vê-lo agora um pouco afastado, trabalhando, carregando o que ninguém deveria precisar carregar, comentários que estragam o dia, humilhações, o desaparecimento para os outros. (COSTA, 2008, p. 12)

É nessa perspectiva de “desaparecimento” social, que queremos enfocar a condição a que os sujeitos que realizam funções tão necessárias à própria sociedade, são desvalidos por ela. A rejeição que os garis e margaridas sofrem diariamente, ao ponto de serem muitas vezes “apagados” socialmente, não retiram desses trabalhadores a alegria, o sorriso e a boniteza da realização de suas atividades. Ao serem entrevistados sobre o assunto, alguns trabalhadores, como seu Ferreira de 59 anos, responde que:

- Na verdade eu nem ligo pra as pessoas, elas não falam... eu não perco meu dia, faço meu trabalho e vou embora... “se elas fala” eu respondo. Eu acho pior é a cara de nojo que “olha pra cara da gente”.

Em uma sociedade em que impera o individualismo, a competitividade, superioridade, a diferença de classes e a dominação, não é estranho que a desumanidade da humilhação social esteja presente em seu bojo, trazendo desconforto e sofrimento aos que recebem palavras de desagrado, aos que são despercebidos, os que servem de tropeço como “um poste”, que estão em todos os lugares, mas ao mesmo tempo não estão, pois vê-los é uma questão de sensibilidade ao outro, o que não condiz com o modelo de sociedade, regada pelo capital, a que estamos inseridos.

Assim, Costa (2008) continua a nos afirmar que:

A cegueira de gente que não vê gente é traumática, causa angústia. A cegueira de gente que não vê gente dispara humilhação. E, mais precisamente, é cegueira política: cegueira de uma classe quanto à outra classe, a classe serviço da primeira em condição de subordinação. (COSTA, 2008, p. 15)

A invisibilidade pública é resultado de um processo que carrega consigo, ações que historicamente remontam ao rebaixamento do ser, enquanto função social, classe, cor da pele, condição socioeconômica, opção sexual, religiosa, ou mesmo espacial. Nesse sentido é que adentram os trabalhadores que executam trabalhos não qualificados tanto; sumiço que exerce em outrem uma ação corrosiva, uma vez que declina a dignidade de quem a padece. Nessa mesma ótica, Gonçalves Filho (2004) reitera:

Invisibilidade pública é a expressão que resume diversas manifestações de um sofrimento político: a humilhação social, um sentimento longamente aturado e ruminado por gentes de classes pobres. Um sofrimento que, no caso brasileiro e várias gerações atrás, começou por golpes de espoliação e servidão que caíram pesados sobre nativos e africanos, depois sobre imigrantes baixo-salariados: a violação da terra, a perda de bens, a ofensa contra crenças, ritos e festas, o trabalho forçado, a dominação nos engenhos e depois nas fazendas e fábricas. (Gonçalves Filho, 2004, p. 22)

Assim, o fenômeno do “desaparecimento” social, se torna evidente, quando se trata dos trabalhadores da limpeza pública, uma vez que o desprestígio de trabalhar com o lixo, socialmente, os torna semelhantes a ele. Representando uma violência simbólica e material que vem oprimir cidadãos de classes pobres.

2.2 - A limpeza urbana em Aracaju e os desafios para o trabalhador

Em Sergipe, especificamente na capital Aracaju, *locus* de nossa pesquisa, a administração da limpeza pública, bem como da arborização na cidade, é realizada pela Empresa Municipal de Serviços Urbanos (Emsurb), autorizada a esses serviços em 1990, que de acordo com a empresa:

foi regularmente autorizada a constituir-se pela Lei Municipal nº 1.659 e 1.668, de 26 de dezembro de 1990. Como reza a Constituição Federal de 1988, no artigo 173, foi conferido o regime de direito privado e inúmeras atribuições que estão dispostas em seu diploma de criação, dentre as quais a administração e gerenciamento dos espaços públicos pertencentes à municipalidade, demonstrando-se assim a sua essencialidade⁵.

Empresa Municipal de Serviços Urbanos, no ano de 2016 foi responsável pela administração mensal de:

11 mil ton/mês de lixo domiciliar, 10 mil ton/mês de entulho 50 ton/mês da coleta seletiva, 3.210 km/mês de varrição 15.000 m³ de canais, 100 km/mês de praia 465 km/mês de meios-fios pintados, Aracaju tem 36 km de canais Área do Parque: 396.019 m².

No entanto, a Prefeitura Municipal de Aracaju, representada pela Empresa Municipal de Serviços Urbanos- EMSURB, (Figura 1), realiza os serviços de limpeza urbana em contratação das Empresas Torre Empreendimentos Rural e Construções LTDA (Figura 2), Cavo Serviços e Saneamento S/A e o grupo ESTRE, além da BTS. A empresa Cavo Serviços e Saneamento S/A é mais nova prestadora desse serviço na cidade, pois em, contrato emergencial que (segundo a prefeitura, seria a empresa com menos ônus ao município, já que seu orçamento foi 20% mais baixo do que o segundo menor orçamento dos interessados no contrato) ficou responsável pelo transporte e coleta de resíduo sólido na cidade, ou seja pela limpeza de rua, pintura de linha, limpeza de canal, cemitério e coleta domiciliar; enquanto a BTS ficou responsável pela jardinagem e

⁵ Disponível em: <https://emsurb.wordpress.com/perfil/> Acessado em 26/07/2016.

manutenção de praças, e por fim, após ganhar nova licitação, retorna a empresa Torre, que agora será responsável pela poda de árvores.

Figura 2- Monumento que representa os trabalhadores da limpeza pública, localizado na sede da empresa Torre Empreendimento LTDA, em Aracaju -SE.



Fonte: Pesquisa de Campo
Autora: Clara Suzane Silva Gomes, Ano 2017

Atualmente, os trabalhadores da limpeza urbana estão organizados politicamente através do Sindicato dos Trabalhadores de Limpeza Pública e Comercial do Estado de Sergipe – Sindelimp, como forma de melhor se articularem e de defenderem dos desmandos das empresas contratantes.

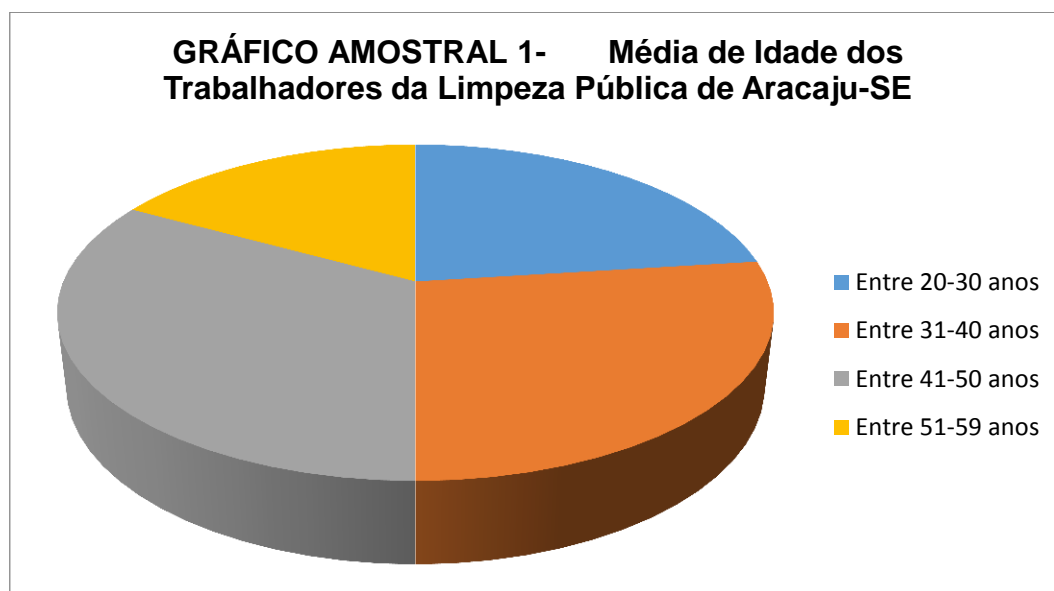
O grau de precarização do trabalho e a condição de mobilização constante da categoria expõem a necessidade de atuação do Sindelimp no estado de Sergipe e na cidade de Aracaju.

No Brasil são produzidas, diariamente, cerca de 250 mil toneladas de lixo. Sendo que a cidade de São Paulo é a que mais produz resíduos no país, com cerca de 19 mil toneladas por dia. Sua composição é

: - lixo orgânico (52%) - papel e papelão (26%), plástico (3%), - metais como, por exemplo, ferro, alumínio, aço, etc. (2%), - vidro (2%), - outros (15%)

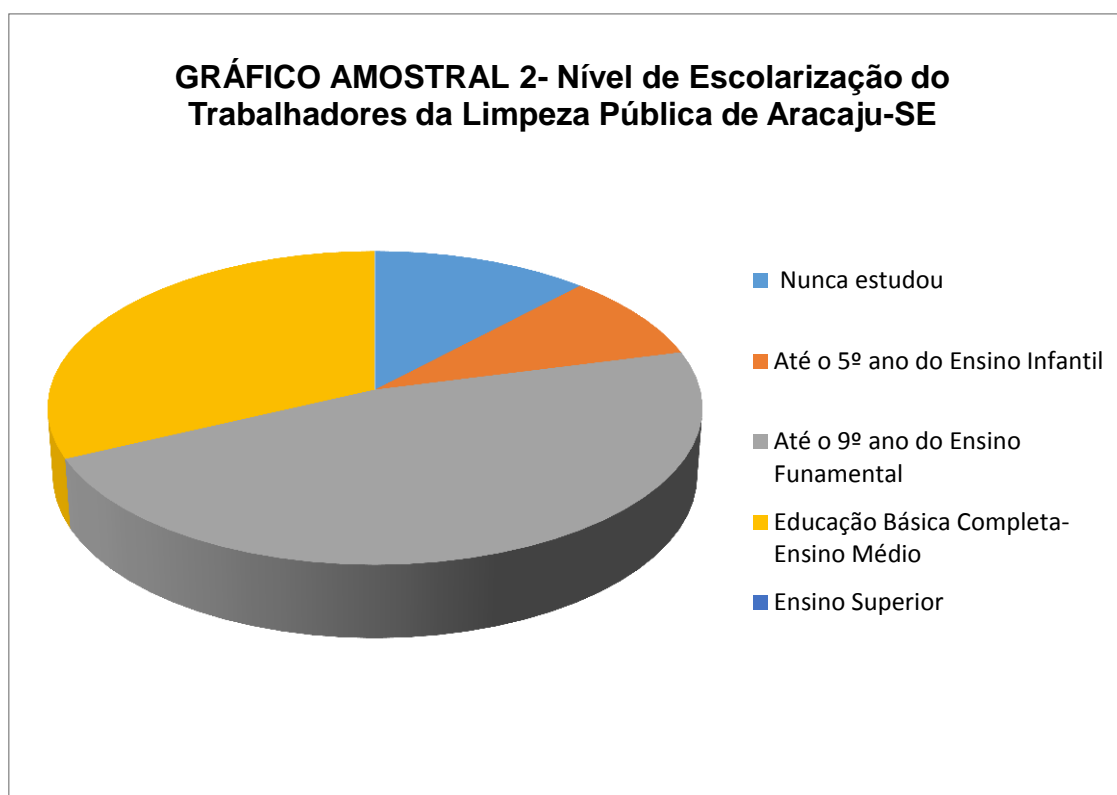
(disponível em <http://www.suapesquisa.com/ecologiasaude/lixo.htm>, acesso em 20/08/2016)

De acordo com a Empresa Municipal de Serviços Urbanos- EMSURB, atualmente existem 1.013 trabalhadores da limpeza pública em Aracaju, sendo 727 homens e 286 mulheres. Dentre os 112 entrevistados durante os trabalhos de campo dessa pesquisa, observamos a maioria dos trabalhadores são adultos, com idade entre 31 e 50 anos, somando 55%, especificamente: possuem entre 20 e 30 anos, 22% tem entre 31 e 40 anos, 33% entre 41 e 50 anos e 19% possuem entre 51 até 59 anos (como podemos visualizar melhor no gráfico amostral 1). Essa porcentagem chamou-nos atenção, ao entendermos que é mais um indicativo da submissão do trabalhador ao trabalho precarizado, revelando a necessidade de manutenção do emprego, diante do “assombro” chamado desemprego, que busca captar os trabalhadores, obrigando-os, portanto, a subjugarem-se “ao troco” de garantirem o sustento familiar. São homens e mulheres que diariamente pegam suas ferramentas e instrumentos de trabalho e saem às ruas da capital aracajuana para executarem seus ofícios e iniciam, então a varrição de ruas, pintura de linha, recolhimento de lixos e entulhos, limpeza dos cemitérios, limpeza de boca-de-lobo e córregos, etc.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2016-2017
Org.: Gomes, C.S.S.

Quanto ao nível de escolaridade, foi constatado que 12% dos entrevistados nunca frequentou a escola, 9% estudou até o 5º ano do ensino infantil, 47 % estudou até o 9º ano do ensino fundamental e 32% tinham concluído o ensino médio, e nenhum dos entrevistados tinha tido acesso ao ensino superior; ou seja, os que frequentaram a escola, participaram apenas a educação Básica, não adentrando ao ensino Superior, reiterando a tese do exercício de um trabalho não qualificado, como podemos visualizar no gráfico amostral 2



Fonte: Pesquisa de Campo, 2016-2017
Org. Gomes, CSS.

No que se refere à moradia a totalidade dos trabalhadores entrevistados é residente em áreas periféricas da cidade de Aracaju (Japãozinho, Veneza, Santos Dumont, Coqueiral, Santa Maria Industrial, São Carlos, Cidade Nova, Porto Dantas Lamarão, Pau Ferro, Olaria, Bugio, São Conrado de Araújo, Maria do Carmo, 18 do Forte e João Alves, Jardim, Parque dos Faróis, Marcos Freire 2, Barra dos Coqueiros, Rosa Elze e Fernando Collor) e grande Aracaju (São Cristóvão, Barra dos Coqueiros e Nossa Senhora do Socorro). O que tornar perceptível a condição de exclusão e segregação sócioespacial e econômica desses sujeitos, evidenciando a má qualidade de vida desses trabalhadores.

Moreira (1994) afirma que o espaço geográfico “é a materialidade do processo de trabalho organizado” (1994, p. 85). Ou seja, na relação homem-meio o espaço representa a expressão histórica construída. A organização do espaço no capitalismo vai obedecer à lógica do capital e refletir o caráter classista da produção e do consumo. Segundo Corrêa (1995), a organização espacial além de ser um reflexo da sociedade, é também uma condição para a realidade futura dessa sociedade, no que se refere à reprodução social.

De fato, não existe espaço exterior à lógica do capital, pois os arranjos existentes no mundo de hoje são a materialização das necessidades do sistema visando assegurar o funcionamento da produção capitalista. Assim, Moreira (1994) afirma que a própria paisagem local revela seu caráter de classe, pois

...cada classe social define seu espaço próprio de existência. Mesmo onde os estratos entrecruzam-se, as diferenciações de classes são espacialmente visíveis. A corriqueira expressão “ponha-se no seu lugar” com que o dominante refere-se ao dominado numa sociedade de classes tem clara significação espacial. (Ibidem, p. 92 e 93).

Os garis e as margaridas, são sujeitos fruto da exclusão sócioespacial e educacional existente no país e refletida na capital sergipana. Vivem nas periferias como resultado das suas condições materiais de existência. São sujeitos que se submetem a péssimas condições de trabalho, muitas vezes por não terem outra opção, uma vez que historicamente aos pobres, foram negados o acesso a serviços de qualidade como, educação, saúde, moradia, transporte e lazer, além de ser reservado a eles, os piores empregos, no sentido de degradantes e de péssimas condições de trabalho, o que rebate diretamente na qualidade da alimentação, ou até mesmo na falta dela.

Os trabalhadores chegam diariamente à sede da empresa e são transportados em ônibus da própria (na maioria da vezes deteriorados, sujo e depredados) e seguem até o local que irão desenvolver suas atividades ao longo do dia, ao final de cada jornada, retornam ao seu posto inicial, a fim de retornarem aos seus lares na tentativa de reporem suas energias e se prepararem para a jornada do próximo dia. (Figura 3)

Figura 3- ônibus na sede da empresa Torre para o transporte dos trabalhadores durante a jornada diária de trabalho



Fonte: Pesquisa de Campo, 2017
Foto: GOMES. C.S.S.

Os ganhos trabalhistas desse segmento se dão através da busca pelo cumprimento das garantias básicas asseguradas pela CLT, no tocante aos Direitos Fundamentais, que são universais e invioláveis. Assim os trabalhadores se organizam politicamente em busca de garantia dos seus direitos, através de convenções coletivas, por meio das quais disputam conquistas de modo a melhorarem suas condições de trabalho, tais como; aumento salarial, piso salarial, cesta básica, ticket alimentação, plano de saúde, adicional de insalubridade, acesso à água pra beber, fardamento novo e adequado, equipamentos de proteção individual, como luvas, óculos de proteção e botas, pagamento de hora extra, redução na jornada de trabalho, dentre outras...

Eles estão organizados junto ao Sindicato dos Empregados de Limpeza Pública e Comercial do Estado de Sergipe - SINDELIMP e suas lutas expressam um cenário de contradições inerentes à relação capital-trabalho, na qual se inscrevem e acabam por incorrer em um estado de mobilização ininterrupto. Assim selecionamos algumas notícias veiculadas pela mídia e expomos abaixo de forma a tornar visível e justificar como elas dão conta de expressar a luta de classes empreendida pela categoria durante os últimos anos.

Funcionários da Torre realizam ato por melhorias 20/10/2014

Os trabalhadores que realizam a coleta de lixo em Aracaju realizaram uma manifestação na porta da Empresa Torre Empreendimentos na manhã desta segunda-feira, 20. Na oportunidade, os funcionários pararam as atividades por cerca de uma hora e meia para reivindicar melhorias para a categoria. A pauta de reivindicações inclui aumento salarial, ticket alimentação, cesta básica com café da manhã para o trabalhador, além de plano de saúde e odontológico.

Funcionários da Torre fazem nova manifestação 31/10/2014

Os funcionários da Torre Empreendimentos, empresa responsável pela limpeza pública da capital sergipana, realizaram nova manifestação na manhã desta sexta-feira, 31, e interromperam o tráfego de veículos na avenida Heráclito Rollemberg, no São Conrado. De acordo com informações do vice-presidente da Força Sindical, Alexandre Delmondes, os operários ficaram indignados com o tratamento dispensado pelos representantes da empresa contra sindicalistas que tentavam mobilizar os trabalhadores no início do expediente para a assembleia geral a ser realizada no final da tarde desta sexta-feira, 31. Alexandre informou que os sindicalistas usavam um carro de som divulgando a assembleia geral quando foram surpreendidos por veículos da própria empresa que foram estacionados em pontos estratégicos da rua que dá acesso à sede, visando impedir a circulação dos sindicalistas no veículo.

Garis aprovam pauta de reivindicações 31/10/2014



Funcionários da limpeza urbana de Sergipe aprovaram na noite desta sexta-feira, 31, a pauta de reivindicação da categoria (...) Dentre os benefícios solicitados pelo Sindelimp, estão: aumento salarial, piso da categoria, cesta básica aliada ao ticket alimentação e plano de saúde. Para Rayvanderson, a aprovação desses quesitos é uma forma de respeitar o trabalhador. “Está tudo muito defasado. Nós

trabalhamos com lixo e isso afeta diretamente a nossa saúde. E aprovar isso é uma forma de nos respeitar”, explicou o presidente.

**Garis entrarão em greve a partir de quarta-feira, 7.
05/01/2015**

Os serviços de limpeza pública da região da Grande Aracaju serão paralisados a partir da quarta-feira próxima, dia 7. Os garis e margaridas entrarão em greve geral por tempo indeterminado. (...) De acordo com o presidente do Sindelimp, a categoria fez duas tentativas de negociar o acordo coletivo com mediação da Superintendência Regional do Trabalho e Emprego (SRTE), mas não teve sucesso devido à ausência de representantes da classe patronal nas reuniões. Na pauta de reivindicações já encaminhada pelo Sindelimp à classe patronal, o sindicato defende reajuste salarial de 15,35%, de forma a atingir um piso salarial de R\$ 879. “Há mais de dez anos que os garis recebem remuneração de apenas um salário mínimo e trabalham em regime de escravidão”, destacou o presidente do sindicato. O sindicato também defende a concessão de plano de saúde, auxílio alimentação no valor de R\$ 18 por dia, pontos de apoio para atender aos profissionais durante a jornada de trabalho e auxílio creche no valor de R\$ 200.

**Garis iniciam greve com manifestação no São Conrado
07/01/2015**



O presidente do Sindicato dos Empregados da Limpeza Pública e Comercial do Estado de Sergipe (Sindelimp) ratificou compromisso com os trabalhadores em defesa da definição de um piso salarial para a categoria e outros benefícios, contidos em pauta de reivindicações encaminhadas às empresas que aglutinam cerca de 1 mil trabalhadores.

**Garis de Aracaju entrarão em Greve a partir de 5ª Feira
19 de julho de 2016 às 20h33min**

Os trabalhadores da limpeza pública de Aracaju entrarão em greve a partir desta quinta (21); de acordo com o vice-presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Limpeza Pública e Comercial de Sergipe (Sindelimp), Anderson Vidal, a categoria relata falta de cumprimento no pagamento de benefícios e excesso de carga horária de trabalho por parte da empresa Cavo.

Sindicato confirma greve dos garis no próximo sábado

21/09/2016 às 09h14

A partir do próximo sábado (24) os trabalhadores da limpeza urbana que atuam pela empresa Cavo paralisarão as atividades. A decisão foi unânime entre a categoria, que vem sofrendo com a carga excessiva de trabalho, não pagamento de horas extras e condições de trabalho.

Segundo o Sindicato, a decisão surgiu após a veiculação de uma nota da Empresa Cavo desde a noite da última segunda-feira (19), acusando o Sindicato dos Trabalhadores da Limpeza Pública e Comercial de Sergipe (Sindelimp) de impossibilitar a saída de caminhões da garagem da empresa, a direção do Sindelimp vem a público esclarecer alguns fatores.

Sindelimp teme desemprego de 700 trabalhadores: Vamos à luta mais uma vez!

12/05/2017

Contrato com a Cavo termina neste domingo, 14. Proposta do Sindelimp é que cerca de 70% dos funcionários da Cavo passem para a Torre (Foto: Arquivo Portal Infonet).



O vice-presidente do Sindicato dos Trabalhadores de Limpeza Urbana e Comercial do Estado de Sergipe (Sindelimp), Anderson Vidal disse estar preocupado com o possível não reaproveitamento pela Torre dos cerca de 700 agentes de limpeza e coleta de lixo que prestaram o serviço em Aracaju junto a Cavo, já que o contrato com a empresa encerra neste domingo, 14, e a partir de segunda-feira, 15, a Torre e a Cavo passam a dividir a execução dos serviços.

Sindelimp Sergipe - 17 de agosto 2017

Cavo e Estre emperram negociação de salário e benefícios para agentes de limpeza

Mesmo após quatro horas de reunião na Superintendência Regional do Trabalho, as empresas Cavo e Estre, responsáveis pela coleta do lixo e unidade de transbordo, respectivamente, continuam dificultando um acordo de valorização salarial e revisão dos benefícios da categoria. Para os trabalhadores da coleta a Cavo igualou a proposta da Torre, oferecendo reajuste de 9% no salário e 13,6% no ticket alimentação. Em contrapartida, deixaria de pagar a Participação nos Lucros e Resultados (PLR) aos funcionários - conquista do Sindicato do ano passado que dá direito a um 14º salário. Por entender que direitos conquistados não se retiram, e acreditar que a Cavo quer dar com uma mão e tirar com a outra, o Sindelimp de antemão recusou a proposta. A decisão final, no entanto, será votada em assembleia com os trabalhadores nesta sexta-feira, 18, a partir das 6h na Cavo.

Sindelimp Sergipe- 17 de agosto 2017

COMUNICADO DE GREVE

O Sindelimp/SE comunica que em assembleia geral no último dia 12, as categorias que integram a limpeza urbana de Aracaju, Laranjeiras e Nossa Senhora do Socorro (motoristas, agentes de limpeza e fiscais) decidiram, em maioria, entrar em greve por tempo indeterminado na próxima quinta-feira, 17. Após duas tentativas frustradas de acordo salarial com as empresas Cavo, Estre e Torre, além das repetidas queixas de más condições de trabalho, os trabalhadores cruzam os braços para ter a garantia dos seus direitos e valorização salarial

Logo, diante das situações conflituosas refletidas pela quantidade de mobilizações retratadas acima, é importante destacar a importância das organizações sindicais, no combate ao desmonte dos direitos trabalhista, já

adquiridos e da luta por direitos ainda não conquistados. Como forma de organização Sindical, os trabalhadores alegaram terem conseguido muitos avanços no que diz respeito às suas condições de trabalho, valorizando a mobilização da categoria em unir forças para enfrentamento da situação posta pelas empresas contratantes.

O trabalho abstrato e improdutivo, realizado por esses trabalhadores, valoriza o próprio capitalismo, diante do assalariamento do gari, que mesmo sem produzir mercadoria (algo palpável e mercadológico como um sapato, por exemplo) ao final de sua função, é extraído dele sua força de trabalho, a baixo preço e baixo custo ao empregador, que se apropria do produto não pago, ou seja, que não redistribui com equalização, os ganhos, convertidos pelo trabalho realizado por esse trabalhador, retirando, um percentual para o pagamento do seu trabalho, o salário mensal, e se apropriando do sobro do resultado desse trabalho, ou seja, o mais trabalho, ou simplesmente o trabalho não pago, de modo a continuar movendo a máquina no capital.

2. 3 Sobre trabalho produtivo x improdutivo

Do ponto de vista da localização categórica desses sujeitos, onde se circunscreve o trabalho desenvolvido pelo trabalhador da limpeza urbana de Aracaju?

No modo de produção capitalista, o trabalho aparece como trabalho concreto e trabalho abstrato. Antes, porém, o trabalho aparece como o intercâmbio entre homem e natureza. Nesse intercâmbio o homem ao modificar a natureza, modifica a si mesmo, como nos explica Marx, se trata de “um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a Natureza. Ao atuar sobre a Natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza (1867, p. 297)”. Nesse processo, o produto dessa relação é social e historicamente determinado pelas condições materiais dadas.

Evidentemente, no modo de produção capitalista, esse metabolismo é orientado pelas próprias condições essenciais que engendraram o modo de

produção, necessariamente a oposição entre produtores e meios de produção e o trabalho “livre” para servir como mercadoria ao capital.

Com essa compreensão fica evidente que a sociedade capitalista assume a proeminência do trabalho abstrato, como necessário à valorização do capital, em detrimento do trabalho concreto.

O trabalho concreto, realizado no intercâmbio dos homens com a natureza é responsável pela formação do valor de uso e é próprio da condição de reprodução do homem. Ele se realiza independentemente da formação sócio espacial ou do modo de produção, por que ele é a própria condição da existência dos homens, que precisam se alimentar, vestir, produzir seus equipamentos de trabalho, etc. Por sua vez, o trabalho abstrato, realizado por trabalhadores produtivos para o capital, que fazem o intercâmbio com a natureza, produz mais do que o necessário para sua reprodução, o que denominamos de trabalho excedente. Dessa forma cria mercadoria e mais valia, que vai se constituir a riqueza capitalista.

Os trabalhadores improdutivos que, embora não intercambiem com a natureza na realização da produção, atuam de uma ou outra forma no âmbito da circulação, ao mesmo tempo, são trabalhadores essenciais ao movimento do capital, sem deixar de aparecer como atividade de produção em sentido amplo, por que a realização do capital só se efetiva no âmbito das três dimensões, produção-circulação-consumo.

Assim, a atividade desenvolvida pelo trabalhador de limpeza urbana se inscreve como trabalho improdutivo e abstrato por sua natureza assalariada, não pela ação de intercâmbio com a natureza, embora o faça sem produzir uma mercadoria e dessa maneira, sem produzir valor excedente ou mais valia para o capitalista. Trata-se de trabalho improdutivo strictu sensu, enquanto o produto final do seu trabalho não é uma mercadoria a ser colocada no mercado. É com essa perspectiva que trabalharemos.

Nesse ponto, observamos que com a emergência da problemática ambiental no Brasil e no mundo, o lixo começa a se constituir uma mercadoria. A reciclagem ou aproveitamento de resíduos para fins da reprodução capitalista, camuflada no discurso da sustentabilidade, vem se comportando na sociedade contemporânea como uma atividade importante ou um nicho de mercado de

grandes empresas. Esse tema não será discutido nesse trabalho, embora reconheçamos que está na ordem do dia.

A territorialidade da Estre, empresa que absorve o lixo recolhido na capital, mostra sua atuação na transformação do lixo em mercadoria. Entretanto, nosso objeto de investigação é a territorialidade do trabalho com a limpeza urbana e esse tema nos colocou frente ao desafio de explorar o máximo possível do cotidiano dos trabalhadores, da precarização e precariedade do trabalho por eles assumido, nos impedindo de adentrar na perspectiva da transformação do lixo em mercadoria e do conjunto de trabalhadores que realizam essa tarefa, inclusive aqueles que atuam naquela empresa. Consideramos apropriada uma investigação crítica dessa realidade e a consideração de todas as relações que estabelece no quadro atual das relações capitalistas.

Posto isso, ressaltamos que consideramos para efeito da presente pesquisa, o trabalho desenvolvido pelos trabalhadores da limpeza urbana de Aracaju como improdutivo e abstrato por ser assalariado e, evidentemente carregar nuances do trabalho abstrato no modo de produção capitalista.

Nessa perspectiva, durante as pesquisas de campo realizada entre 2015-2017, foi possível observar e vivenciar a realidade a que os trabalhadores estão circunscritos, onde diariamente reproduzem os aspectos sociais e relacionados ao mundo do trabalho inerentes às barbáries do capital na sua reprodução sociometabólica, com um trabalho alienado às diferentes formas em que o capital se reveste, de modo a garantir sua perpetuação.

CAPÍTULO III

Gari, o sujeito, o agente e o ofício



“O homem nasceu livre e por toda a parte vive acorrentado”

Jean-Jacques Rousseau

3.1 Precarização do trabalho e trabalho precário: um retrato da exposição aos riscos e à saúde do trabalhador

O desenvolvimento do capitalismo nas últimas décadas provocou grandes transformações que vêm comprometendo o mundo do trabalho. Transformações que rebatem diretamente na subjugação e subordinação do trabalhador, tornando-o cada vez mais vulnerável aos interesses do capital, precarizando as condições de trabalho, nesse sentido, trabalho precário:

é aquele que tem pouca ou nenhuma estabilidade, antonímia de permanente, durável. É precário o trabalho que se apresenta instável, incerto, contingente, inconsistente. Precário é o trabalho parcial, temporário, sazonal, intermitente, é aquele desprovido de resistência e defesa. É também precário o trabalho que se apresenta frágil, vulnerável, desprotegido, impotente diante do capital. Num paralelo próprio de dicionários, saúde precária é o estado débil, fraco do ser humano adoentado, que inspira cuidados, corre risco de vida. Denotando natureza, algo que lhe é intrínseco, não é atributo (nem lhe atribuído), precário é o trabalho que se encontra em situação incerta, indefinida, dependente. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69922013000300006&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em 20/08/2017.

Sem a dissociação dos termos, a precariedade está ligada a situação geral da condição de trabalho precário em que o trabalhador está mergulhado, assim, Sá (2009) nos explica:

A precariedade refere-se a uma situação geral de escassez, insuficiência, desestabilização, falta de reconhecimento e apreço social e corresponde a certo "modo de vida" caracterizado pela falta de condições mínimas, que permitam ao ser humano ser um sujeito individualmente ativo. Disponível em: <http://passapalavra.info/?p=2879>. Acesso em; 20/08/2017.

É importante também destacar que a precarização do trabalho e a precariedade, não estão impostas apenas aos trabalhadores assalariados, não qualificados, mas, sobretudo, aos qualificados, que se deparam com essa situação e que são afetados diretamente, na medida em que há a

desvalorização da sua qualificação, diante das condições dispostas e ofertadas a ele. Nesse sentido, Mészáros é enfático quando afirma que:

Quem sofre todas as consequências dessa situação não é mais a multidão socialmente impotente, apática e fragmentada das pessoas "desprivilegiadas", mas todas as categorias de trabalhadores qualificados e não qualificados (Mészáros, 2009: 69).

O trabalho dos garis e margaridas é considerado precário, perigoso e insalubre. Eles trabalham em ambientes insalubres como, esgoto, caçambas com lixo, cemitérios e canais. (Ver figuras 4 e 5) A insalubridade é a exposição do empregado, em caráter habitual e permanente, a agentes nocivos à saúde, como agentes químicos, ruídos, exposição ao calor, poeiras, etc., que causam e na especificidade desses trabalhadores é comum, o adoecimento. Embora o destaque seja para a exposição permanente, a submissão intermitente do empregado a condições insalubres não afasta o direito ao recebimento do adicional (Súmula 47, TST). A insalubridade é regulada pela CLT, nos seus artigos 189 a 192 e pela NR nº 15 do Ministério do Trabalho e Emprego. O adicional pode variar entre 10, 20 ou 40% sobre o salário mínimo.

Figura 4- trabalhador na limpeza dos tubos de esgotos a “céu aberto” na periferia da cidade de Aracaju



Fonte: Pesquisa de Campo, Ano 2016
Foto: GOMES, C.S.S.

Figura 5- trabalhador na limpeza dos córregos a “céu aberto” na periferia da cidade de Aracaju



Fonte: Pesquisa de Campo, Ano 2016
Foto: GOMES, C.S.S.

Suas atividades são desenvolvidas também em locais em que há risco à vida, como em vias e em linhas de faixas, ou seja, nos acostamentos das ruas e praças, o que pode provocar acidentes como atropelamentos. (Ver figura 6 e 7)

Figura 6: trabalhadores realizando a capinagem das linhas e faixas



Fonte: Pesquisa de Campo, Ano 2016
Foto: GOMES, C.S.S.

Figura 7: realização da poda e jardinagem



Fonte: Pesquisa de Campo, Ano 2017
Foto: GOMES, C.S.S.

Nesses casos podem ocorrer acidentes ou até a excessiva exposição desprotegida, que leva a situações como a descrita pelo representante do sindicato e pelos próprios acidentados em 2016. Um dos casos mais graves ocorreu, com o disparo contra um gari, que foi confundido com um policial, enquanto trabalhava, no bairro Cidade Nova, na capital sergipana. Nesse mesmo ano, outro trabalhador, de 34 anos, foi alvejado durante o trabalho, no conjunto 17 de Março, no bairro Santa Maria, e ficou paraplégico (Ver figura 8).

O representante do sindicato informou que o trabalhador conseguiu amparo junto ao INSS, com a aposentadoria por invalidez. Entretanto, os gastos mensais com despesas com a família e os medicamentos, fraldas e outros materiais necessários, são elevados, e a família não consegue arcar com todas as despesas. Esse quadro, para o representante do Sindicato, “mostra o descaso da empresa quanto ao amparo desse trabalhador e sua família na atualidade” (disse o representante dos Trabalhadores durante entrevista no trabalho de campo em junho de 2016).

Essas condições condizem com o que Antunes observa quando mostra que na fase do capitalismo avançado, o trabalho, está cada vez mais precarizado, e os trabalhadores cada vez mais explorados, sobretudo pelo desrespeito e

desregulamentação das leis trabalhistas, além dos constantes assédios morais aos quais os trabalhadores estão submetidos.

Colabora para esse quadro o desenvolvimento da atividade em lugares ermos. A matéria a seguir retrata situação ocorrida em 2016, na qual a exposição na rua coloca os trabalhadores em situação de vulnerabilidade e periculosidade, embora não recebam os adicionais garantidos pela CLT:

Figura 8- Anúncio sobre violência contra um trabalhador durante a execução de seu trabalho

Gari é baleado durante o serviço de coleta de lixo em Aracaju
23 de abril de 2016



Foto <https://a8se.com/sergipe/noticia/2016/04/96175-gari-e-baleado-enquanto-trabalhava-no-bairro-cidade-nova.html>. Acesso em 21 de abril de 2016

Nos últimos anos, sobretudo a partir de 2012, os trabalhadores da limpeza urbana estão organizados em luta por melhores condições de trabalho. O conjunto das suas reivindicações expõem problemas relacionados à demanda por: recuperação salarial, equipamentos de segurança do trabalho, os EPIs (Equipamentos de Proteção Individual), reajustes nos valores dos ticket, direito a creche, alimentação, plano de saúde, pagamento de hora extra, acesso a espaço para alimentação, acesso à água com qualidade, adicional de insalubridade, piso salarial, transporte de qualidade e ponto de apoio em boas condições para repouso, etc.

Em relação à saúde, um bem constitucional, eles se encontram “à mercê da sua própria sorte”, conforme comenta o representante do sindicato (T. de campo, abril de 2017). Essa agenda provocou diversos embates entre o

Sindicato, a prefeitura, a EMSURB a Cavo. O sindicato lutando para diminuir o abismo relativo aos cuidados com a saúde do trabalhador, via de regra, por causa da insalubridade e penosidade presentes na função desses trabalhadores, que trabalham em ambientes hostis, perigosos e, sobretudo, imundos, como mostram as figuras 9, 10 e 11).

Figura 9: trabalhadores na limpeza do canal de esgoto



Pesquisa de Campo, Ano 2017
Foto: GOMES, C.S.S.

Figura 10: Trabalhadores executando de suas atividades em meio às ruas e no Bueiro



Pesquisa de Campo, Ano 2017
Foto: GOMES, C.S.S.

Figura 11: Trabalhadores realizando limpeza de canal ao lado de uma cratera



Pesquisa de Campo, Ano 2017
Foto: GOMES, C.S.S.

A empresa Cavo é integrante do grupo Estre, multinacional que atua em diferentes países e por esse motivo, os trabalhadores afirmam que a empresa possui condições financeiras para assegurar plano de saúde para o trabalhador.

Os trabalhadores, representados pelo Sindicato, propõem acordos com as empresas envolvidas e a prefeitura de Aracaju. No entanto, devido ao não cumprimento, por parte da empresa, dos acordos firmados, os trabalhadores recorreram ao Ministério Público para que este possa intervir a favor da categorias de trabalhadores, no sentido de obrigar as empresas a cumprirem o pacto. Um dos exemplos citados pelo Sindicato dos trabalhadores, nesse sentido, é o não cumprimento do acordo de implementar o plano de saúde para os mesmo, apesar das promessas firmadas em acordo coletivo entre as partes.

Os agravos à saúde do trabalhador, como desdobramento das condições de trabalho têm rebatido em diversos processos judiciais e remetido pesquisas importantes sobre a questão.

Em relação ao conceito de saúde dos trabalhadores, nos lembra Silva (2012), de que: “segundo a OMS, a saúde é o mais completo bem-estar físico, mental e social, e não somente a ausência de doenças” (SILVA, 2012, p. 221).

Para esse autor, a saúde do trabalhador se constitui direito fundamental dos homens. Constitui-se junto com a educação, o trabalho e a seguridade social, um conjunto de direitos fundamentais, sem os quais não se pode falar em estado social. A saúde do trabalhador é constituinte das necessidades básicas

como espécie de saúde geral. De fato, o direito à saúde do trabalhador, como espécie da saúde em geral, é um direito humano. Por isso, é um direito inalienável, imprescindível e irrenunciável. (SILVA, 2012, p. 2017)

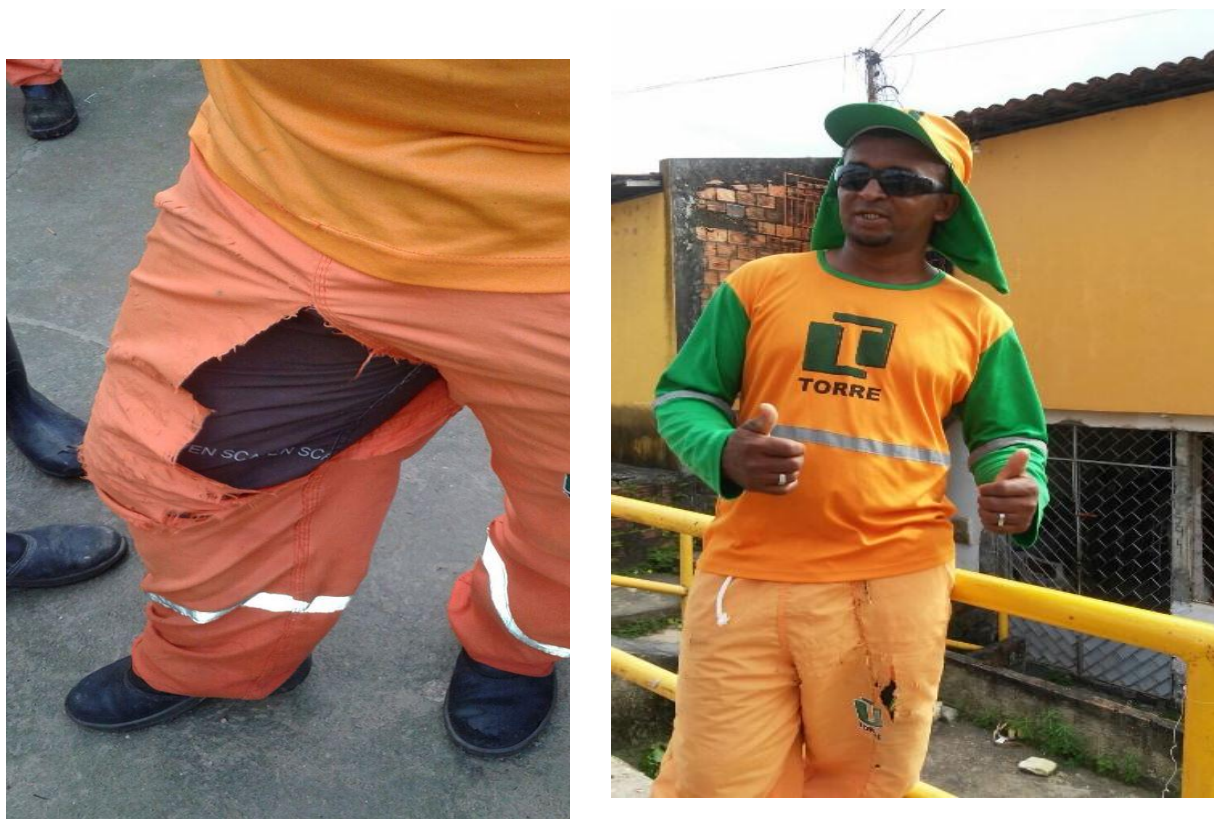
Não fossem suficientes as doenças físicas, os assédios, bem como outras modalidades de violência no trabalho em todo o mundo, amplia-se o leque de causas que podem conduzir ao adoecimento. Por conseguinte, amplia-se a importância os estudos que identificam esses problemas e buscam alternativas de negação ou mesmo de redução desse quadro cada vez mais crítico. Seligmann-Silva chamam atenção para que:

A violência nas situações de trabalho no Brasil, têm sido estudadas principalmente em pesquisas qualitativas e estudos clínicos (estudo de casos). Ainda faltam, no país, estudos epidemiológicos que analisem a psicopatologia decorrentes dos vários tipos de violência que se acentuaram durante a precarização social e do trabalho. Os principais transtornos psíquicos que têm sido caracterizados nos desdobramentos clínicos da violência laboral são os seguintes: Depressões de diferentes categorias reconhecidas pelo CID-10; Síndromes com aspectos paranoides (paranoia situacional, segundo Pezé (2008); Transtornos de estresse pós-traumático (TEPT); Esgotamento profissional (burnout); Dependência de bebidas alcoólicas ou drogas (SELIGMANNN-SILVA, 2012, p.107).

Em entrevista de campo, o representante do Sindelimp destaca que “além de os trabalhadores estarem expostos ao contato com o lixo, ficam em contato quase que direto com o chorume” (T. de campo, abril de 2017), que é um líquido fétido e poluente, proveniente da decomposição do lixo. Em relação a esse aspecto, mesmo os trabalhadores que usam luvas, têm suas mãos atingidas pelo chorume, já que as luvas ficam dilaceradas.

Além desse aspecto, os fardamentos também são comumente rasgados pelo trabalho no contato com o lixo. Muitas vezes móveis velhos, barras de ferro, vidros, etc. Material cortante que dilaceram luvas, roupas, sapatos, etc. Constitui-se ponto de reivindicação dos trabalhadores a garantia de Equipamentos de Segurança e fardamento, indispensáveis ao trabalho com o mínimo de segurança e, sobretudo, já que estão em contato direto com imundícies e podem a qualquer tempo serem contaminados ou feridos. Muitos possuem luvas, botas e fardamentos inadequados, já que a qualidade do material é ruim, ocasionando um rápido desgaste, rasgando-se com facilidade, como podemos constatar na figura 12.

Figura12 : Trabalhadores com fardamento rasgado



Fonte: Pesquisa de Campo. Ano 2017
Fonte: GOMES, C.S.S.

O fardamento e material de proteção, de acordo com representante do sindicato, devem ser renovados a cada seis meses, no entanto, ao trabalharem em contato sob o sol inclemente, em contato com a água e materiais

perfurocortantes, essa durabilidade fica fragilizada, necessitando, então, de uma reposição em um período mais curto de tempo, de maneira que venha garantir condições adequadas de trabalho. (Figuras 13, 14, 15 e 16)

Figura13: Material do tipo Cortante.



Pesquisa de Campo, Ano 2017
Foto: GOMES, C.S.S.

Figura 14 – Coleta de resíduos que representam risco de acidente ao trabalhador



Pesquisa de Campo, Ano 2017
Foto: GOMES, C.S.S.

Figura 15: Material perfurocortante mal embalado e sem descarte adequado



Pesquisa de Campo, Ano 2015
Foto: GOMES, C.S.S.

Figura 16: Lixo Hospitalar, passível de contaminação, mal acondicionado.



Pesquisa de Campo, Ano 2015
Foto: GOMES, C.S.S.

As condições em destaque expõem os riscos aos quais os garis e margaridas estão expostos cotidianamente. Eles estão sempre propensos à contaminação, como é o caso de um trabalhador que perdeu a visão de um dos olhos, por contato com o chorume e pela ausência dos equipamentos adequados ou em boas condições de uso, para a garantia da segurança no trabalho.

Em relato de campo, esse trabalhador destacou não ter conseguido um tratamento adequado às suas necessidades. Além dele, vários outros trabalhadores adquirem diversos ferimentos pelo corpo, principalmente nas mãos, braços, e pernas, causados principalmente por objetos perfurocortantes (como vidro, porcelana, latas, espinhas de peixe, cascas de siri ou caranguejo, agulhas, etc.) mal embalados na hora do descarte. Além de queixas de quedas do caminhão, das caçambas, ou mesmo ao correrem.

Há grandes riscos de acidentes no transporte desses trabalhadores, pois é feito junto com o lixo. Os próprios trabalhadores são carregados pendurados no caminhão compactador, risco que aumenta ainda mais nos dias de chuva, em que pode haver uma escorregadela e provável queda. (Observar as figuras 17 e 18).

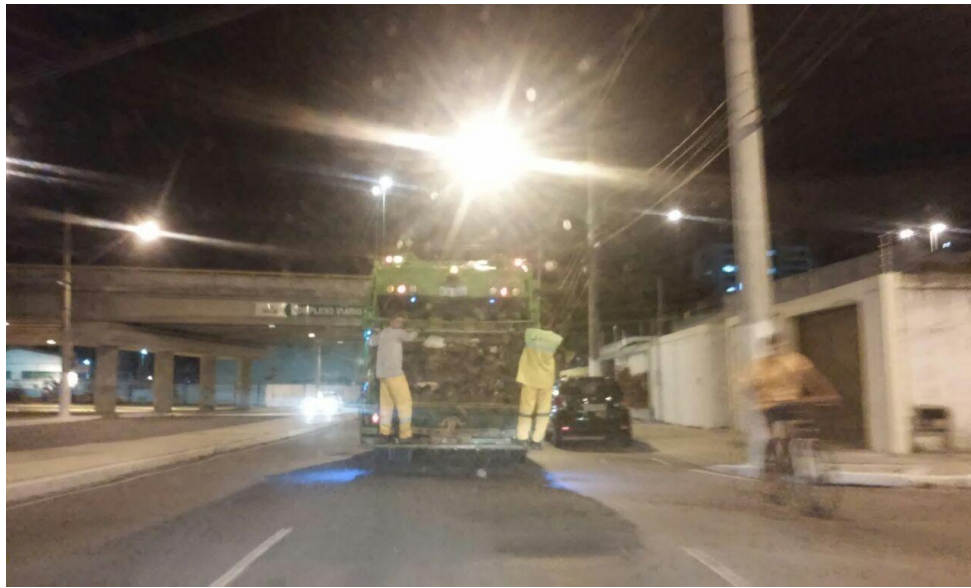
Figura 17: Trabalhadores sendo transportados dependurados no caminhão, expostos à chuva.



Fonte: Pesquisa de Campo. Ano 2017
Autora: GOMES, C. S. S.

Ademais, sentem dores de cabeça constantes por trabalharem horas sob o sol escaldante e sentindo o odor do lixo. Além de que a noite, muitas das vezes, são transportados dependurados no caminhão, o que os leva a se preocuparem ainda mais, no tocante aos riscos de acidentes que estão expostos (Ver figura 18).

Figura 18: Trabalhadores sendo transportados pendurados no caminhão compactador durante a noite



Fonte: Pesquisa de Campo. Ano 2017
Autora: GOMES. C.S.S.

Por ficarem muito tempo expostos ao sol, é necessário que façam a utilização do protetor solar, de maneira a protegerem sua pele e evitar outros danos à saúde. Essa é uma reivindicação já conquistada depois de muita mobilização. Eles recebem o protetor solar que usam, como mostra a figura18.

Figura 19; trabalhador fazendo uso de protetor solar sentado na calçada.



Fonte: Pesquisa de Campo. Ano 2017
Foto: GOMES, C.S.S

O trabalho de campo permitiu constatar que dezenas de funcionários tiveram que se afastar temporariamente por acidentes laborais, outros não buscaram atendimento médico e trabalham normalmente a fim de assegurarem o seu “ganha-pão”. Muitos vão trabalhar enfermos, por temerem perder seus empregos, pois, por não serem efetivos (concursados). Muitas vezes lhes é negado o atestado médico e, por isso comparecem ao trabalho com a saúde debilitada, fisicamente enfermos e, indispostos para o serviço duro. Esses trabalhadores sofrem até mutilações, causadas por acidentes de trabalho, ainda assim, quando conseguem o atestado médico, vão trabalhar antes do período salvaguardado, a fim de não perderem o emprego. Seligmann-Silva (2012) nos lembra de que:

Muitas vezes, fortes mecanismos de negação psicológica dos sintomas fazem com que os próprios assalariados não tomem consciência dos mesmos, impedindo assim que reconheçam os prejuízos sofridos por sua saúde. Desse modo, os processos mórbidos evoluem e se agravam. Às vezes a patologia é revelada pela piora dos sintomas e/ou episódios agudos que impossibilitam totalmente as atividades laborais. O mais frequente é que o desgaste físico e/ou psíquico permaneça ocultado, num processo de cronificação. Mas em geral torna-se impossível disfarçar por muito tempo a queda da vitalidade, o desaparecimento do entusiasmo pelo trabalho, as limitações funcionais (físicas e mentais) que irão se revelar na queda de desempenho, que é acompanhada quase sempre pelo apagamento de criatividade. Funções cognitivas como atenção, memória e raciocínio são em geral atingidas. Ao mesmo tempo, desaparece a capacidade de tomar iniciativas. A qualidade dos relacionamentos e das comunicações interpessoais sofre empobrecimento, reflete o desgaste. Quase sempre é difícil esconder dos demais o desânimo, o esvaziamento do interesse pela atividade e o crescente mal-estar. Para alguns, torna-se extremamente penoso o esforço para controlar o extravasamento da irritabilidade.

Dessa maneira, concordamos com Silva (2012) e acrescentamos ainda, que a precarização do trabalho também fragiliza os laços sociais, uma vez que o trabalho deveria ser a realização do ser humano, ser social e não o contrário, a sua desrealização, no sentido de não ser uma completude humana, e sim uma exploração humana.

A ausência de pontos de apoio, próximos aos locais de trabalho para as refeições, lanche ou para que os trabalhadores possam parar para tomar água

é outro agravante que repercute a penosidade relacionada à atividade. Os trabalhadores não recebem adicional para comprar água para beber ao longo do dia, como também não podem se afastar dos postos de trabalho para esse consumo. Ao longo dos anos os próprios trabalhadores armazenavam sua água, que era coletada na “Casa do Gari”, local inaugurado em 2001 pela prefeitura de Aracaju, através da EMSURB, localizada no Bairro Industrial. Essa água ficava em recipientes nos caminhões, armazenada de modo improvisado em garrafas pet e acabavam esquentando no decorrer do dia, tendo, portanto, ser consumida quente. Era transportada junto ao lixo, pendurada no caminhão compactador (Ver figura 20), podendo ser contaminada e acabar sendo fonte de contaminação do trabalhador.

Figura 20: Armazenamento de água do consumo dos trabalhadores



Fonte: Pesquisa de Campo. Ano 2016
Foto: GOMES. C.S.S,

Após diversas reivindicações, no primeiro semestre de 2017, os trabalhadores passaram a receber um recipiente para que pudessem colocar água durante o dia de trabalho (Figura 20). Ainda assim, além de não terem local adequado para guardar a água, eles carregam consigo a colocam em local ao alcance da mão (figura 21). Trata-se de um feito comemorado pela categoria que considerou ser um avanço no sentido de poderem, minimamente,

ter condição de tomar água fria ao longo da jornada de trabalho, ainda assim, tendo de carregá-los em mãos.

Figura 21: recipiente concedido aos trabalhadores para armazenar água



Fonte: Pesquisa de Campo. Ano 2017.
Autora: Gomes, C. S. S.

Figura 22: local de depósito do recipiente com água utilizado pelos trabalhadores



Fonte: Pesquisa de Campo. Ano 2017
Foto: GOMES. C.S.S,

Outro agravante nas condições de trabalho que os trabalhadores denunciam, diz respeito ao fato de que os trabalhadores não recebem o adicional de insalubridade, garantidos pela CLT, em seu artigo 189, que rege sobre as atividades às quais os trabalhadores estão expostos à agente nocivos à saúde, acima do nível tolerável, bem como o tempo em que permanecem expostos a esses agentes. Assim, muitos trabalhadores ao sofrerem alguma infecção, corte ou mesmo fratura, precisam retirar do seu salário, um percentual para custeio dos remédios, sem, no mínimo, receber o adicional devido.

A pesquisa de campo registrou muitas reclamações a respeito das más condições de trabalho relacionadas à extrapolação da carga horária diária. Essas horas excedentes não são repassadas aos trabalhadores em forma de pagamento pela empresa contratante, ou seja, os excessos de horas extras não pagas às quais são submetidos por meio de pressões psicológicas e ameaças de desvinculação, é motivo de stress constante. São obrigados a trabalhar horas a mais durante a jornada diária.

Diante do posicionamento das empresas perante os problemas graves, os trabalhadores entendem que sua segurança está constantemente violada; por isso, através do sindicato, os trabalhadores têm buscado intervenções junto ao Ministério Público do Trabalho de modo a frearem as ações de demolição dos seus direitos. Para Antunes (2008), o direito do trabalho é de suma importância, na medida em que, sem ele, as condições de precarização do trabalho, chegaria a um ponto ainda maior do que a barbárie que já está posta no sistema capitalista. Portanto:

O direito do trabalho é uma reivindicação necessária não porque se preze e se cultue o trabalho assalariado, heterodeterminado, estranhado e fetichizado (que deve ser radicalmente eliminado com o fim do capital), mas porque estar fora do trabalho [...] para a massa de trabalhadores e trabalhadoras desprovidos completamente de instrumentos verdadeiros de seguridade social, significa uma desefetivação, desrealização e brutalidade ainda maiores que as já vivenciadas pela classe-que-vive-do-trabalho. (ANTUNES, 2008, p. 114)

Conforme relato dos trabalhadores, foi possível observar que a efetiva segurança do trabalho ainda é um desafio a ser conquistado pela categoria, conforme segue o depoimento:

- Oxe... Se cortar pra a gente já virou costume, vez em quando a gente se corta com caco de vidro, latas, a gente nem vai mais pro médico. (Mulher, 36 anos)
- Eu cortei as mão, o pé, eu tenho mais cuidado com os olhos. (Homem, 49 anos).
- Eu já cai do caminhão, pois quando ele acelerou, eu estava já cansado, fui correr então consegui segurar direito, ai quebrei o braço, mas logo eu voltei pra não ficar “queimado” na empresa. (Homem, 24 anos)

Diante do desrespeito ao trabalho mencionado acima, os trabalhadores representados pelo Sindicato, fazem diversas paralisações e greves, para chamar a atenção da sociedade, do Ministério Público do Trabalho, quanto ao sofrimento aos quais estão submetidos, arriscando suas vidas e saúde para manter a cidade limpa, ao passo que se sentem esquecidos por ela. Como mostra a figura 22.

Figura 23: Lixo acumulado nas ruas, por causa da greve dos trabalhadores, 2016



Fonte: Pesquisa de Campo. Ano 2017
Foto: GOMES, C.S.S.

Algumas das diversas demonstrações da precarização do trabalho são resolvidas no judiciário, que é pressionado pelos trabalhadores via sua organização. O ministério do Trabalho é constantemente acionado para resolver os conflitos de interesses. Por exemplo, em relação ao transporte inadequado dos trabalhadores, o procurador do Trabalho, Raymundo Lima Ribeiro Júnior, em entrevista ao jornal G1-SE/NE Notícia, destaca que:

o transporte nos estribos dos caminhões compactadores de lixo representa grave e iminente risco à saúde e à vida dos trabalhadores. “Além de violar o art. 235 do Código de Trânsito Brasileiro, que expressamente proíbe a condução de pessoas nas partes externas dos veículos, contraria gravemente os parâmetros de segurança que regem o transporte de trabalhadores, como as NR’s 18 e 31 do MTPS e a NBR 14599 da ABNT. Ainda, existe o crime do art. 132, parágrafo único, do Código Penal. É uma situação fora da lei⁶ disponível em:

Mesmo notificados da proibição dessa prática de transporte dos trabalhadores e de várias ações e multas aplicadas pelo Ministério Público ao município de Aracaju, ainda é possível observar que os trabalhadores continuam sendo carregados de maneira tão perigosa, como já mostrava a notícia em forma de denúncia do jornal G1 SE/NE Notícias, em março de 2016:

- O Ministério Público do Trabalho em Sergipe (MPT-SE) confirmou no final da manhã desta terça-feira (15) que o MPT ajuizou ação civil pública contra o Município de Aracaju, Emsurb e as empresas Torre Empreendimentos Rural e Construção Ltda e Cavo Serviços e Saneamento S/A, para regularizar o transporte dos coletores de lixo, conhecidos como garis, que prestam serviços em Aracaju.
- Segundo o MPT, na ação, além da proibição do transporte irregular nos estribos e partes externas dos caminhões de lixo, foi requerida a implementação de transporte auxiliar [carro de apoio] para movimentação dos trabalhadores, em veículos de passageiros, tanto no transporte de ida, como de volta, até o local dos roteiros e rotas, bem como durante a realização do serviço de limpeza urbana e coleta de resíduos sólidos⁷.

⁶ <http://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2016/03/mpt-ajuiza-acao-para-regularizar-transporte-dos-coletores-de-lixo.html>, acesso em 20/04/2016.

⁷ Disponível em: <http://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2016/03/mpt-ajuiza-acao-para-regularizar-transporte-dos-coletores-de-lixo.html>. Acesso em 18/08/2017.

Assim, em agosto de 2017, depois de muitas tentativas e negociações, o Sindicato dos Trabalhadores, Sindelimp, anunciou greve, publicando na sua página nas redes sociais que:

O Sindelimp/SE comunica que em assembleia geral no último dia 12, as categorias que integram a limpeza urbana de Aracaju, Laranjeiras e Nossa Senhora do Socorro (motoristas, agentes de limpeza e fiscais) decidiram, em maioria, entrar em greve por tempo indeterminado na próxima quinta-feira, 17. Após duas tentativas frustradas de acordo salarial com as empresas Cavo, Estre e Torre, além das repetidas queixas de más condições de trabalho, os trabalhadores cruzam os braços para ter a garantia dos seus direitos e valorização salarial. Nos três municípios em questão, os trabalhadores vêm atuando com uniformes rasgados, ausência de Equipamentos de Proteção Individual (EPI), carga horária excessiva, não pagamento do adicional de insalubridade, entre outros problemas. As recusas das empresas por um acordo salarial mediante duas audiências na Superintendência Regional do Trabalho e Emprego (SRTE), com participação do Sindelimp, foram discutidas em assembleia e desaprovadas pela categoria. Como a data-base era no mês de março, e não há perspectiva de um acordo, a categoria opta pelo movimento paredista. A greve é um último recurso adotado pelos trabalhadores para ter garantia dos seus direitos. Apesar de reconhecer os prejuízos para a população sergipana, o Sindelimp não vai aceitar que as empresas continuem faturando fortunas às custas da categoria sem garantir uma remuneração justa e condições dignas de trabalho. Durante a greve, o Sindelimp assegurará os 30% do efetivo profissional atuando nas três cidades, cumprindo o que determina a lei⁸.

Reforça ainda mais a necessidade dessa investigação, os diversos momentos de mobilização da categoria em defesa dos seus direitos. No dia 17 de agosto de 2017, três dias após a greve, as empresas Torre e a Cavo, aceitaram a proposta de reajuste salarial, de reajuste no valor do ticket alimentação dos trabalhadores, e os funcionários que são vinculados às essas empresas retornaram às atividades, permanecendo em greve, ainda, os que são vinculados à empresa Estre. Assim, o sindicato publica o retorno dos funcionários da Torre e Cavo às ruas.

Cavo e Estre emperram negociação de salário e benefícios para agentes de limpeza

⁸ disponível em: <https://www.facebook.com/sindelimpse/>, acesso em 14/08/2017.

Mesmo após quatro horas de reunião na Superintendência Regional do Trabalho, as empresas Cavo e Estre, responsáveis pela coleta do lixo e unidade de transbordo, respectivamente, continuam dificultando um acordo de valorização salarial e revisão dos benefícios da categoria. Para os trabalhadores da coleta a Cavo igualou a proposta da Torre, oferecendo reajuste de 9% no salário e 13,6% no ticket alimentação. Em contrapartida, deixaria de pagar a Participação nos Lucros e Resultados (PLR) aos funcionários - conquista do Sindicato do ano passado que dá direito a um 14º salário. Por entender que direitos conquistados não se retiram, e acreditar que a Cavo quer dar com uma mão e tirar com a outra, o Sindelimp de antemão recusou a proposta. A decisão final, no entanto, será votada em assembleia com os trabalhadores nesta sexta-feira, 18, a partir das 6h na Cavo. Para os carreteiros da unidade de transbordo, a empresa Estre se recusa a pagar o piso da categoria - de R\$ 2.075. O reajuste oferecido pela empresa é de 6% para uma categoria com salário defasado, responsável pelo transporte do lixo de toda Grande Aracaju e exposta diariamente aos riscos oriundos do lixo urbano - sem ter direito ao adicional insalubridade. Uma nova reunião na Superintendência foi agendada para a terça-feira da próxima semana no sentido de tentar um novo acordo com a empresa. Até então, a coleta urbana de Aracaju permanece suspensa - exceto os 30% do efetivo assegurados pelo Sindelimp, conforme prega a Lei de Greve. Acordo com a Torre Ainda por volta das 11h desta quinta-feira, a Torre atendeu a proposta do Sindelimp e fechou acordo para reajuste salarial de 9% e de 13,6% no ticket alimentação. No início da tarde os agentes de limpeza vinculados à Torre retomaram seus postos de trabalho⁹.

Até meados do mês de agosto de 2017, no fechamento dessa pesquisa, os trabalhadores da Estre (os carreteiros) continuavam em greve. A matéria publicada na página do Sindelimp/Se, no dia 18/08/2017 expõe a dificuldade de negociação com a empresa:

Cavo e Estre emperram negociação de salário e benefícios para agentes de limpeza.

Mesmo após quatro horas de reunião na Superintendência Regional do Trabalho, as empresas Cavo e Estre, responsáveis pela coleta do lixo e unidade de transbordo, respectivamente, continuam dificultando um acordo de valorização salarial e revisão dos benefícios da categoria (Sindelimp/Se, 2017).

⁹ Disponível em; <https://www.facebook.com/sindelimpse/> acesso em: 18/08/2017

Apesar da organização do conjunto dos trabalhadores da limpeza urbana de Aracaju, o controle do trabalho pelo capital se expressa de diferentes maneiras. Em relação à contratação dos trabalhadores, em 09 de março de 2016, houve o encerramento do contrato da empresa Torre com a Emsurb, e já no dia 10, no dia seguinte, outra empresa, a CAVO, assumiu a responsabilidade pela atividade, o que provocou alvoroço entre os trabalhadores, que ficaram sem saber ao certo, a sua situação. A primeira empresa alegava não ter fundo financeiro suficiente para pagamento dos trabalhadores pelo tempo de serviço prestado. Esse episódio levou os trabalhadores a se organizarem e se manifestarem em frente à Torre e alegarem estar sendo cerceados dos seus direitos. Não aceitaram a situação, pois consideraram que trabalharam em condições análogas à escrava e encontravam-se com salários em atraso e sem equipamentos de proteção individual (EPI), além de jornada de trabalho excessiva.

A fim de assegurar os direitos dos trabalhadores o Sindicato entrou com uma ação junto ao Ministério Público do Trabalho, pois tal situação gerou insegurança por parte dos trabalhadores e muitos não faziam ideia do como tudo acabaria. Assim, para amenizar os transtornos, a Empresa Municipal de Limpeza Urbana, junto com a nova empresa contratada, a CAVO, decidiram migrar os contratos dos trabalhadores para a nova empresa.

3.2 O sujeito invisível entre os sujeitos

Outra situação que expõe os agravos vividos pela classe trabalhadora, na especificidade dos trabalhadores da limpeza urbana, está diretamente relacionada ao trabalho não qualificado e desrespeitado, é o que Costa (2008) chamou de “invisibilidade pública”, a que o referido autor define como uma “espécie de desaparecimento psicossocial de um homem no meio dos outros homens” (COSTA, 2008, p.10).

Além dos problemas enfrentados no trabalho há ainda constantes agressões verbais e humilhações sofridas por eles durante a realização do trabalho, ou mesmo no deslocamento para suas residências. Dessas

humilhações, a que mais os desagrada é o fato de não serem vistos, ou seja, de serem ignorados, e mesmo estando em todos os lugares, se tornam “seres invisíveis”.

Durante entrevista, alguns trabalhadores relataram como se sentem diante das questões sobre invisibilidade, trabalho, pagamento, sindicalização, como mostram os depoimentos abaixo:

Maria, 37 anos de idade e 6 anos de varrição de rua e coleta de lixo, afirmou que:

- As pessoas nem “olha” pra nós, passa que nem dá um bom dia, e se a gente dá, eles nem “responde”, parece um cachorro latindo. Parece que a gente não “estamos” nem ali”. É bem triste isso. Dá muito desgosto (T. de campo, abril de 2016).

Para Paulo Júnior, 29 anos de idade e 5 anos como trabalhador empregado da CAVO/TORRE, o maior problema são os atrasos no pagamento do salário, como relata:

- Rapaz, eu não acho ruim não trabalhar limpando rua, apesar de ser difícil, porque “nós fica’ o dia todo debaixo de sol e chuva. O que eu acho ruim mesmo é quando chega a hora de receber o dinheiro, a gente não recebe, atrasa muito o dinheiro a as contas em casa não atrasa pra pagar... pra vim, eu venho com minha bicicleta trabalhar, mas pra comer eu e minha família toda, fica difícil. A mulher desempregada em casa, quando pega um serviço, uma faxina, ajuda, mas quando não pega, fica ruim (T. de campo, jun./2016).

Para Antônio, 46 anos, e 8 anos de trabalho na empresa, o problema maior é a sede, os fardamentos velhos e rasgados, que não dão condições mínimas de trabalho, além dos atrasos salariais recorrentes e da falta de plano de saúde.

Pra falar a verdade eu até gosto de trabalhar aqui, mas nós passa muita sede, porque a gente trabalha no “sol quente” e quando vai beber a água que eles dão, ela já está quente, e num passa a sede e a gente não pode sair do lugar pra ir pedir uma água geladinha, quando “nós vai” é escondido, porque se o supervisor ver. A roupa é toda rasgada, porque eles dão roupa a gente, pra durar seis mês, mas num sol desse, ela se rasga logo ai nós trabalha todo rasgado... O salário só anda

atrasado, um diz que é a prefeitura, que não paga, outros diz que é a Cavo... se a gente" cair doente" não tem dinheiro pra comprar os remédios, e nem tem um plano de saúde, que todo dia diz que "vai dar" e "não dá" (T. de campo, jun./2016).

A partir dos relatos dos trabalhadores, não foi difícil perceber que a maioria está acostumada ao trabalho duro, explorador e precarizado, pois para eles, como é previsível, melhor submeter-se aos ditames do patrão a viver assombrados pelos mostro chamado desemprego. São muitos os relatos a respeito dos rebaixamentos que eles sofrem, até mesmo quando procuram uma sombra para almoçar e descansar. Segundo eles, as pessoas passam olhando com olhares de dó, outras com feições de nojo e desprezo e outras que simplesmente passam e não os enxergam, diminuindo a existência deles ao ponto de parecerem inexistir, ao ponto de parecerem um objeto, um obstáculo a ser desviado. é uma das crueldades humana que Costa (2008) descreve:

Seres humanos, andando na rua, não passam por outros como quem passam por um poste: o corpo e o olhar se modificam, os movimentos ficam distintos, a atenção se transforma, é afetada, como que se alarga. A atenção que os seres humanos dispõem uns aos outros é de natureza diferente daquela dirigida a objetos. Não obstante, as pessoas que passam por Nilce não parecem ter sua atenção suficientemente modificada, modificada pelo poder específico, pela influência específica de que é capaz a presença de um ser humano ali: desviam-se dele como se desvia de um obstáculo, uma coisa qualquer que atrapalha o caminho. "Eles nem olha na cara da gente". O sujeito tornado *invisível*, arrastado por trocas impessoais, não suscita mais as reações que pessoas despertam em pessoas. "A gente sempre ouve uns comentário". Às vezes uma palavra estraga o dia da gente. Eles humilham a gente. Então é melhor evitar contato. Pra gente não ficar reprimido". Aquela gente faz comentários, talvez furtivos e esquivos, mas que chegam farpantes aos ouvidos do gari: uma palavra só pode bastar para um dia inteiro estragado. (COSTA, 2008, p. 15).

Essa atroz "invisibilidade" expõe as relações sociais no capitalismo. O afastamento da condição da cidadania capitalista, pelo viés do consumo, aparta os homens que têm, dos que não têm. Um contexto de desumanidade recorrente à sociedade pós-moderna.

A sociedade capitalista que se desenvolveu até aqui, de um lado reduziu o operariado industrial, em nome das reduzidas taxas de lucro, em consequência da dinâmica própria do modo de produção de concorrência e em "decorrência do quadro recessivo, quer em função da automação, da robótica e da microeletrônica, gerando uma monumental taxa de desemprego estrutural [...]" (ANTUNES, 2000, p.52). Por outro lado, criou a subproletarização do trabalho, os novos postos de trabalho, parcial, "terceirizado", subcontratado, os quais tomam forma de relações informais de emprego. É o rebaixamento das remunerações e a precariedade do emprego, a desregulamentação do trabalho "em relação às normas legais vigentes ou acordadas e a consequente regressão dos direitos sociais, [...] configurando uma tendência à individualização extrema da relação salarial" (apud ANTUNES, 2000, p.52).

Mészáros (2002) é afirmativo quanto a que somente um grande movimento socialista de massa é capaz de enfrentar este desafio histórico de superação do capitalismo. E que:

O desafio maior do mundo do trabalho e dos movimentos sociais que têm como núcleo fundante a classe trabalhadora é criar e inventar novas formas de atuação, autônomas, capazes de articular intimamente as lutas sociais, eliminando a separação, introduzida pelo capital, entre ação econômica, num lado (realizada pelos sindicatos), e ação político-parlamentar, no outro polo (realizada pelos partidos). Essa divisão favorece o capital, fraturando e fragmentando ainda mais o movimento político dos trabalhadores (MÉSZÁROS, 2002, p.19).

Sem o socialismo, ou seu horizonte, as modificações drásticas que atingem as relações do trabalho se ampliarão. O alargamento do desemprego, do contrato temporário e do setor informal, são mecanismos que vão se afirmando como formas modernas de escravidão. A vulnerabilidade a que está submetido o trabalho no capitalismo contemporâneo e a correspondente violação de direitos historicamente conquistados, não só expõem a ampliação da pobreza como indicam a emergência da luta de classes e da necessidade de organização da classe trabalhadora para esse enfrentamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:



“Quando alguém compreende que é contrário à sua dignidade de homem obedecer a leis injustas, nenhuma tirania pode escravizá-lo”

Mahatma Gandhi

O processo de reestruturação da produção, implementado após a segunda metade do século XX, trouxe grandes transformações socioeconômicas que despontaram na construção de uma nova face do trabalho, de modo a assegurar a reprodução do capital. As transformações ocorridas diante do modelo fordista/taylorista reordenou e “enxugou” a produtividade, de modo a permitir uma maior captura de tempo de trabalho, otimizando o tempo/produção, de maneira que não houvesse tempo ocioso, ou inutilizado para a produção, aumentando assim os lucros capitalistas e consequentemente, extraindo ao máximo do trabalhador sua capacidade física e mental para o trabalho. Nesse ensejo, os avanços tecnológicos associados à especialização da produção, permitiram uma grande capacidade produtiva. Nesse novo regime de trabalho, o trabalhador não possuía tempo livre do trabalho.

Em 1913, surge o trabalho baseado na linha de montagem, proposto por Henry Ford, no qual, o trabalhador fixou-se no seu posto de trabalho, especializando-se em uma única tarefa e a mercadoria/paca, passou a ser móvel, se deslocando até o próximo ponto e em direção ao seu destino final, acabado, o todo. Nesse novo modelo de trabalho, o trabalhador perde a totalidade da produção, pois ele “adestrava-se” a fazer uma única parte, uma única tarefa, não havendo, portanto, comunicação ou interferência de outro trabalhador. Houve então uma produção em massa e consequentemente um consumo em massa. Nesse contexto, o trabalhador agora racionalizado, a economia e o consumo dão um “salto”. Mudando todo o contexto até ali presenciado.

No pós-guerra, em 1945, houve a influência do keynesianismo, em que a política do Welfare State é tomada como padrão econômico/social, devendo portanto, o Estado investir em políticas sociais de educação, saúde, moradia, lazer, emprego, de modo a garantir o bem-estar social. Assim, coube ao Estado gerir políticas de emprego e melhorias trabalhistas, de modo que os trabalhadores tivessem acesso ao consumo de toda mercadoria advinda desse “novo padrão de consumo”, que tinha que ser escoada de modo a garantir essa nova demanda de “poder de consumo”, ou seja, o trabalhador, a partir da empregabilidade e das melhores condições salariais e de vida, teria acesso ao tão sonhado consumo de mercadorias e, logicamente, os empresários,

representantes do capital, alcançariam a finalidade da produção, o consumo, e, conseqüentemente o lucro. Deixando claro a face oculta do capital nas suas estratégias de acumulação/ampliação.

Nesse sentido, as diversas mutações no mundo do trabalho, deram novo sentido ao trabalho, incorrendo no processo de pauperização, superexploração e sujeição do trabalhador aos desmandos do capital; que intensifica-se, não só pela lógica acumulativa, competitiva e superexploradora desse sistema, que provoca o desemprego em massa, que “arremessa” um contingente, ou seja, uma massa de trabalhadores ociosos no mercado, transformando-os em um exército industrial de força de trabalho supérfluo. Devido à pobreza, esses sujeitos encontram-se assujeitados a qualquer tipo de trabalho, ou mesmo qualquer ocupação, para garantirem uma renda para sobreviverem, submetendo-se às péssimas condições de trabalho, aumentando os índices cada vez mais alarmantes de problemas relacionados à saúde do trabalhador.

Os trabalhadores da limpeza de Aracaju, os sujeitos objeto de nossa pesquisa estão também submetidos a esse processo, por isso a realização de um trabalho não-qualificado e considerado subemprego, e a invisibilidade que é remetida a esses trabalhadores, é umas das formas mais nefandas das desigualdades e disparidades socioeconômicas, expressa nas humilhações a que são submetidos, no sentido de serem simplesmente não vistos, não sentidos e não ouvidos pela sociedade.

Aqui o sentido de subemprego é como o emprego num posto inferior àquele que o trabalhador tem qualificação para realizar. Entretanto, às condições precárias do trabalho dos sujeitos que limpam as ruas torna essa atividade indesejada, constituindo-se uma atividade buscada por quem não tem outra forma de reprodução, situação que se instala como um fenômeno recorrente a uma sociedade em crise.

Diante do exposto, não é difícil perceber que, desde o surgimento da atividade de varrição de rua e de limpeza urbana, os sujeitos a que foram delegados esse serviço “sujo” foram os desprovidos e segregados sociais, o que permanece até os dias atuais. Nesse sentido, o desafio de investigar e de aprofundar estudos relativos à superexploração do trabalho e doenças ligadas às atividades ocupacionais é diverso, pois, pode repercutir nas relações conjugais, no uso do álcool e entorpecentes.

Mesmo diante desse cenário, muitos trabalhadores não entendem a dimensão da problemática a que estão inseridos. Na maioria dos casos a necessidade de se manter trabalhando para não perder o vínculo empregatício, faz com que muitos só percebam a fragilidade da saúde quando não conseguem se apresentar ao trabalho.

Isso nos mostra como atualmente o trabalho está cada vez mais precarizado, e os trabalhadores cada vez mais explorados, sobretudo pelo desrespeito e desregulamentação das leis trabalhistas, que também se reflete nos constantes assédios morais que os trabalhadores padecem nos seus locais de trabalho, como forma de serem contidos, dominados e alienados para usufruto apenas dos interesses das empresas e corporações, que representam uma das várias formas em que o capital se traveste para que possa agir. Situação essa que somada às más condições de trabalho, progridem para situações que muitas das vezes saem do controle do próprio trabalhador. Para Costa (2008):

o ofício de gari pareceu intensamente marcado por um fenômeno intersubjetivo: a *invisibilidade pública* - espécie de desaparecimento psicossocial de um homem no meio de outros homens. Bater o ponto, vestir o uniforme, executar trabalhos essencialmente simples (como varrer ruas, cortar mato, retirar o barro que se acumula junto às guias), estar sujeitos às repreensões, mesmo sem motivo, transportar-se diariamente em cima da caçamba de caminhonetes ou caminhões em meio às ferramentas ou lixo, são as tarefas delineadoras do trabalho daqueles homens. Tarefas na qual pudemos reconhecer ingrediente psicológicos e sociais profunda e fortemente marcados pela degradação e pelo servilismo. São atividades cronicamente reservadas a uma classe de homens proletarizados; homens que se tornam historicamente condenados ao rebaixamento social e político. (COSTA, 2008, pp. 11-12).

O que se vivencia então, é a submissão dos garis e margaridas ao trabalho degradante, com pouca seguridade social, o que é reflexo das formas de apropriação da produção, decorrentes da reestruturação produtiva e que emerge o trabalho em uma situação de precariedade. As metamorfoses que o capital incorpora para continuar se reproduzindo, se dá no bojo das contradições entre capital e trabalho. É nesse aspecto que a precarização do trabalho tem se tornado um desafio ao longo do século, pois fragilização das

leis trabalhistas, a vulnerabilidade empregatícia, a subcontratação, a desvalorização do profissional qualificado ou não, ocasionando transtornos à saúde do trabalhador, é umas das violências que se colocam na ordem do dia, como fatores fundamentais nessa pesquisa.

Desse modo, através dos questionários aplicados foi percebido que os Garis e Margaridas sentem-se ofendidos pelo cerceamento dos seus direitos e pelas problemáticas condições de trabalho a que são sobrepujados. A leitura da realidade vivenciada por esses sujeitos, alicerçadas na dialética, nos permitiu compreender as contradições do capital expressas nas novas facetas do trabalho. Mascaradas a partir da lógica do assalariamento, em que se retira dos trabalhadores suas garantias, oferece-lhes péssimas condições de trabalho e que diante do desemprego que está posto, submetem-se à imoralidade da irracionalidade do trabalho precário, refletindo na vulnerabilidade da sua saúde e, sobretudo nas suas vidas, não só como reflexo da condição de segregados sócioespaciais, enquanto moradores da periferia da cidade, mas também como sujeitos, assujeitados do capital, quando esse, retira do trabalhador a sua dignidade e moralidade, à medida que aceitam sua desonra, a partir da necessidade de garantirem o mínimo de sobrevivência, que é o seu salário. Buscando como alternativa ao não engolimento total pela precariedade do trabalho, organização através em sindicato, para que, unidos, ganhem voz, e o seu brado alcance as nuances da liberdade. Porque essa, a liberdade, a não subjugação à escravidão moderna, só acontecerá de fato quando houver a superação do modo de produção sociometabólico imperante, vigente.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Giovanni, **Trabalho e Mundialização do Capital - A Nova Degradação do Trabalho na Era da Globalização**. Editora Praxis, 1999.

_____. **O novo e (precário) mundo do trabalho: reestruturação produtiva e crise do capitalismo**. 1ª ed. – São Paulo/ SP: Boitempo, 2000.

_____. **Crise da Globalização e a lógica destrutiva do capital-** Notas sobre o sócio-metabolismo da barbárie- in *Katálisis*- v. 7 n. 1. Jan./jun. Florianópolis SC. 31-44. 2004

_____. **Dimensões da reestruturação produtiva: ensaios de sociologia do trabalho**. 2ª ed.- Londrina: Praxis; Bauru, Canal 6, 2007.

_____. **Trabalho e reestruturação produtiva no Brasil neoliberal – Precarização do trabalho e redundância salarial**. Universidade Estadual Paulista (Unesp), Marília. *Rev. Katál. Florianópolis* v. 12 n. 2 p. 188-197 jul./dez. 2009

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho**: ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 7 ed. rev. ampl. – São Paulo: Cortez; Campinas, SP: editora da Universidade Estadual de Campinas, 2000.

_____. **O caracol e sua concha**: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho. São Paulo: Boitempo. 2005

_____. **Os Sentidos do Trabalho: ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo, SP: Boitempo, 2008.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2011.

BRASIL **Consolidação das Leis do Trabalho**. 3 ed. São Paulo: saraiva, 2014.

CAMARGO, Gilson. **Quando o trabalho gera dor e sofrimento**. In. Extra n. Porto Alegre, 2010. Disponível em <http://www.sinpro-rs.org.br/extraclasse/mai10/files/extra4e5e6_final.pdf>

CARDOSO, Luís Antônio. **A Categoria trabalho no capitalismo Contemporâneo**, in: *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, v. 23, n. 2 p. 265-295. 2011. Scielo, acesso em 22 de janeiro de 2016.

CARDOSO, Ana Cláudia Moreira. **O trabalho como determinante do processo saúde-doença**- *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, v. 27, n. 1, 2015

CONCEIÇÃO. Alexandrina Luz. **Jovens Andarilhos no Curto Ciclo do Capital**, In: *Revista OKARA: Geografia em debate*, v.1, n.1, p. 77-100, 2007.

João Pessoa, PB, DGEIOC/CCEN/UFPB – <http://www.okara.ufpb.br>. Acesso em 20 de novembro de 2015.

CORRÊA, Lobato Roberto . **Espaço, um conceito Chave da Geografia**. In: CASTRO, Iná Elias de. GOMES, Paulo Cesar da Costa. CORRÊA, Roberto Lobato. (Orgs.). *Geografia: Conceitos e Temas* . Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1995

COSTA, Fernando Braga da. **Homens Invisíveis: Relatos de uma Humilhação Social**. Rio de janeiro: Editora Globo, 2008.

COTRIM, Vera. **Trabalho Produtivo em Karl Marx**. Velhas e novas questões. Vera Cotrim. São Paulo: Alameda, 2012.

DANTAS. Gilson **O setor bélico norte-americano em sua condição de estímulo econômico: algumas notas para um debate contemporâneo**. CEMAX. UNICAMP- 2015. Disponível em: <http://www.unicamp.br/cemarx/ANAI%20IV%20COLOQUIO/comunica%E7%F5es/GT3/gt3m4c4.pdf> Aceso em 20/05/2017.

DIAS, Elizabeth Costa. **Saúde do Trabalhador na Atenção Primária à Saúde, desafios e perspectivas/** Elizabeth Costa Dias, Taís Lacerda e Silva. Belo Horizonte: Coopmed, 2013.

DEJOURS, Christophe. **A Loucura do Trabalho**- estudos de psicopalogia do trabalho/ Christiphe Dejours; tradução de Ana Isabel Paraguay e Lúcia Leal Ferreira. – 5. Ed. Ampliada- São Paul: Cortez- Oboré, 1992.

EIGENHEER, Emílio Maciel. **Lixo**, a Limpeza urbana através dos tempos. Gráfica Pallotti, em Porto Alegre, RS. 2009,

EIGENHEER, Emílio Maciel. *O povo do lixo*. in FIGUEIREDO, Haydée da Graça Ferreira de (org.). **Vozes da educação: 500 anos de Brasil**. Rio de janeiro: UERJ, DEPEXT, 2004.

ENGELS, Friedrich. **Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem**, (Textos Universidade Aberta n. 1) 2ª edição ampliada. Brasília, DF: Centelha Cultural, 2010.

GEMELLI, Diane Daniela. **Mobilidade Territorial do Trabalho como expressão da formação do trabalhador para o capital: Frigorífico de aves da Copagril de Marechal Cândido Rondon/PR**. Diane Daniela Gemelli-Francisco Beltrão, 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia)- Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Francisco Beltrão, 2011.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES FILHO, J. M. **“A invisibilidade pública”** in Costa F. B. – homens invisíveis- relatos de uma humilhação social. São Paulo, Globo, 2004.

GONCALVES, Marcelino Andrade. **O Trabalho no lixo** / Marcelino Andrade Goncalves. – Presidente Prudente. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciencias e Tecnologia, 2001.

GORZ, André. **Adeus ao proletariado**. Rio de Janeiro: Forense, 1982.

HAESBART, Rogério; PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **A nova ordem mundial**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo/ SP: Loyola, 1999.

_____. **A Produção capitalista do Espaço**. – 2ª ed. São Paulo/SP: Annablume, 2005.

KURZ, Robert, **O Colapso da Modernização. Da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial**. Rio de janeiro/ RJ. Paz e Terra, 2003.

Lei 12.305/2010 – **Política Nacional dos Resíduos Sólidos**, Brasília, 2010.

LESSA, Sergio. **Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo**. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. **Para Aprender a ontologia de Lukács**. 3º ed. Ijuí: Ed. UNIJUI, 2007.

LIMA, Lucas Gama. **A dinâmica imperialista contemporânea: Capital sem fronteiras e sua (ir)racionalidade apátrida**/ Lucas Gama Lima: orientadora Alexandrina Luz Conceição. – São Cristóvão, 2015. Tese (doutorado em Geografia) Universidade Federal de Sergipe, 2015.

LISBOA, Josefa Bispo. **A Trajetória do Discurso do Desenvolvimento e sua Inserção no modelo da economia brasileira**. Dissertação de mestrado defendida no NPGEU/UFS, dezembro de 2004.

LISBOA, Josefa Bispo. **O Discurso do desenvolvimento do/no capitalismo: a propósito da tese marxista**, in Revista de Desenvolvimento Econômico, ano VI, n. 10, Salvador: Departamento de Ciências Sociais Aplicadas/Universidade de Salvador, 2004.

LUKÁCS, G. **Ontologia do ser social: a falsa e a verdadeira ontologia de Hegel**. Trad. Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: LECH, 1979ª.

MARX Karl. **O Capital: Crítica da Economia Política**. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe, 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, livro I volume II, 1988.

_____. **Manuscrtos econômico-filosóficos de 1844**. Trad. Maria Antônia Pacheco. Lisboa: Avante, 1993.

_____. **Trabalho assalariado e capital & salário preço e lucro**. São Paulo: Expressão popular, 2008.

MARX Karl. ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista. – 1 ed.**: São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MENEZES, Sócrates Oliveira. **Entre o Campo e a Cidade: Trabalho e trabalhadores dentro dos territórios de luta**. Anais XVI Encontro Nacional dos Geógrafos Crise, práxis e autonomia: espaços de resistência e de esperanças - Espaço de Socialização de Coletivos. 2010. Porto Alegre, 2010.

MESZÁROS, I. **Para além do Capital: rumo a uma teoria da transição**. Trad. De Paulo César Castanheira e Sérgio Lessa. São Paulo: Boitempo, 2011.

_____. **Desemprego e precarização**. In: Antunes, R. (Org.). Riqueza e miséria do trabalho no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2006..

_____. **A crise estrutural do capital**. São Paulo: Boitempo, 2009.
MORAES, A. R. C. **O que é território?** Revista Orientação, Edição Suplementar, Departamento de Geografia, Outubro/1984.

MOREIRA, Ruy. “As novas noções do mundo (geográfico) do trabalho”. In: **Ciência Geográfica**, ano VII, n 20, Bauru/SP: AGB/Bauru, 1994.

MOTTA, Georgina Maria Vêras. **As condições de trabalho do gari de varrição e as implicações do contexto [manuscrito]** / Georgina Maria Vêras Motta. – Dissertação Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. 2013.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**, São Paulo, Ática, 1993.

RODRIGUES, Ivanildo Dias. **Dinâmica geográfica da camelotagem : um estudo do trabalho precarizado** .- Presidente Prudente : Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia. 2008

SÁ, T. **As novas regras da exploração**: o trabalho precário. 21 Abr. 2009. Disponível em: <<http://passapalavra.info/?p=2879>>. Acesso em 20/08/2017

SANTOS, M. **A Natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. – 4 ed. 2. reimpr.- São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS NETO, Arthur Bispo dos, **Trabalho e tempo de trabalho na perspectiva marxiana/** Arthur Bispo dos Santos Neto- São Paulo: Instituto Lukács, 2013,168p.

SELIGMANN-SILVA, Edith. A precarização contemporânea: A saúde mental no trabalho precarizado. In **Trabalho e Estranhamento: Saúde e Precarização do Homem que trabalha/** André Luís Vizzaccaro-Amaral, Daniel Pestana Mota, Giovanni Alves, organizadores- São Paulo: LTr, 2012.

SILVA, José Antônio Ribeiro de Oliveira, Limitação do tempo de trabalho e proteção à saúde dos trabalhadores: uma análise dos sistemas jurídicos brasileiro e Espanhol In **Trabalho e Estranhamento: Saúde e Precarização do Homem que trabalha/** André Luís Vizzaccaro-Amaral, Daniel Pestana Mota, Giovanni Alves, organizadores- São Paulo: LTr, 2012.

SILVA, Nelmires Ferreira da. **Adeus Cascalho:** Jovens sergipanos na odisseia do trabalho temporário. Dissertação de Mestrado, NPGeo-UFS, 1993.

SMITH, Neil. **Desenvolvimento Desigual:** natureza, capital e produção. Rio de Janeiro, Editora Bertrand, 1988.

SHIMADA, S. de O. **Dos Ciclos e das Crises do Capital às Formas de Travestimento da Barbárie no Trabalho Canavieiro.** Universidade Federal de Sergipe- UFS, 2014, Tese de doutorado.

TEIXEIRA, Francisco José S. **Trabalho e Valor.** Contribuição para a crítica da razão econômica. CORTEZ EDITORA, impresso no Brasil em Março de 2004.

THOMAZ Jr, Antônio. **A Geografia do mundo do trabalho na viragem do século XXI.** In. Revista Pegada. Presidente Prudente. – SP, v. 3, 20 p. out 2002.

_____. **(Des) Realização do Trabalho: Se Camponês, se Operário! Repensar crítico sobre a Classe trabalhadora no Brasil.** 2005 (disponível em: <http://br.monografias.com/trabalhos-pdf900/classe-trabalhadora-brasil/classe-trabalhadora-brasil.pdf> . acesso em 07/01/2016

_____. **Dinâmica geográfica do Trabalho no século XXI:** (Limites Explicativos, Autocríticas e Desafios Teóricos) – São Paulo: [s.n], 2009.

TONET, Ivo. **Educação Contra o Capital-** 1ª edição: EDUFAL 2ª ed. revista: Instituto Lukács, 2012

TRIVINÓS, A. N. S.. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo, Atlas, 1987.

VASAPOLLO, Luciano. **La precariedad como paradigma de la reestructuración capitalista en la fase de la crisis estructural.** In: XI Jornada de Economía Crítica. Bilbao: Ecocri, 2008

VIZZACCARO-AMARAL, André Luís. Trabalho, Saúde E Estranhamento na Primeira Década do Século XXI. In **Trabalho e Estranhamento: Saúde e Precarização do Homem que trabalha/** André Luís Vizzaccaro-Amaral, Daniel Pestana Mota, Giovanni Alves, organizadores- São Paulo: LTr, 2012.

APÊNDICE

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO EM GEOGRAFIA**

Título da dissertação: A SÓCIOESPACIALIDADE DO TRABALHO DOS AGENTES DA LIMPEZA PÚBLICA DE ARACAJU - SE

ENTREVISTA PARA PESQUISA DE CAMPO

1. Idade?
2. Cidade/bairro de reside?
3. Há quanto tempo trabalha como Gari/ Margarida?
4. Faz hora extra? Em que frequência?
5. Foi exigida alguma qualificação para o emprego?
6. Já sofreu algum tipo de preconceito referente a sua função de gari/margarida?
7. Como se sente com relação às outras pessoas, durante a realização das atividades inerentes à sua função?
8. Já sofreu algum acidente de trabalho durante a realização?
9. Já desenvolveu algum problema de saúde? Possui plano de saúde?
10. Já fez alguma reclamação diretamente à empresa sobre más condições do trabalho?
11. Recebe algum tipo de auxilio, além do salário?
12. É Sindicalizado? Acha o sindicato importante?

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO EM GEOGRAFIA**

**Título da dissertação: A SÓCIOESPACIALIDADE DO TRABALHO DOS
AGENTES DA LIMPEZA PÚBLICA DE ARACAJU - SE**

QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA DE CAMPO

Grau de Escolaridade:

Nunca estudou () / até o 5 ano () / até o 9 ano () / Ensino Médio ()
Ensino Superior completo ou incompleto ()

Trabalha como Gari/Margarida há quanto tempo: _____

Já sofreu algum acidente de trabalho?

() Sim () Não

Já adquiriu alguma doença pelo serviço que presta?

() Sim () Não

Se houve acidente de trabalho, obteve assistência apor parte da empresa?

() Sim () Não

É sindicalizado?

() Sim () Não

Sente-se representado pelo Sindicato?

() Sim () Não

Gosta do trabalho que executa (limpeza urbana)?

() Sim () Não

Por que trabalha nessa função?

Necessidade () Falta de opção () porque gosta ()